

A
MEDIUNIDADE
DE JACK
WEBBER

HARRY EDWARDS

Tradução AMADEU ANTÔNIO

A MEDIUNIDADE DE JACK WEBBER
HARRY EDWARDS

NEW YORK
E. P. DUTTON & CO., INC.
1941

ÍNDICE

Obituário

CAPÍTULOS

I. Prefácio

II. O Médiun — John Boaden (Jack) Webber

III. Fotografia Infravermelha

IV. A Contenção do Médiun ...

V. Relato de uma Sessão por Bernard Gray («Sunday Pictorial»)

VI. Análise Crítica de uma Sessão por Colin Evans, B.A.

VII. Relato de uma Sessão por «Cassandra» («Daily Mirror»)

VIII. A Remoção e a Substituição do Casaco

IX. O Processo de Aporte de Objetos

X. A Cabeça Astral

XI. Levitação do Médiun

XII. Levitação da Mesa

XIII. Fenómenos com Trombeta

XIV. Estruturas Ectoplásmicas

XV. Produção de Voz 82

XVI. Materiais Ectoplásmicos

XVII. Formas Materializadas, Cabeças, Mãos, etc.

XVIII. Incidentes da Mediunidade

XIX. Os Cuidados dos Guias com o Médiun

XX. Interferências Elétricas

XXI. Conclusões

XXII. O «Regresso» de Jack Webber

XXIII. O Autor — Henry James (Harry) Edwards



Jack Webber, o medium

OBITUÁRIO

JACK WEBBER transitou para a vida espiritual, após uma doença muito breve, a 9 de março de 1940, com trinta e três anos de idade.

O manuscrito deste livro encontrava-se nas mãos do editor em janeiro de 1940.

Como o livro fora escrito enquanto Jack Webber ainda estava entre nós, e se previa uma longa vida de serviço, foi enfatizado no Prefácio e nas Conclusões que, sendo a mediunidade contemporânea, todas as declarações feitas sobre os fenómenos podiam ser re-demonstradas em condições de teste perante autoridades imparciais. Essa situação, infelizmente, alterou-se agora.

Em consulta com os editores, decidiu-se, no entanto, publicar a obra tal como fora originalmente escrita, com a adição desta explicação.

A fim de incluir as fotografias de 1940, e para tornar o registo completo, foram adicionadas adendas a vários capítulos.

Para interesse dos leitores, pode acrescentar-se que em nenhum momento se notou qualquer enfraquecimento da mediunidade. O número de ocasiões em que o Sr. Webber demonstrou foi estritamente limitado e as regras nunca foram excedidas. Os Guias foram frequentemente consultados quanto ao estado físico do médium, e não foi revelada qualquer ansiedade ou indício de enfraquecimento. O Sr. Webber gozava de uma constituição robusta e não tivera um dia de doença desde os catorze anos de idade, até este ano. Por conseguinte, não há razão conhecida para assumir que o seu falecimento esteja de alguma forma ligado à sua mediunidade.

Foi apenas doze dias antes do seu falecimento que se obteve a notável fotografia (Placa n.º 7), e durante a semana anterior ao seu falecimento, ele deu duas sessões muito boas à Comunidade Espiritualista em Londres.

Embora a perda da mediunidade para o movimento espiritualista seja grande, a perda pessoal tem sido muito aliviada pelo nosso conhecimento da realidade da sobrevivência, pela evidência já recebida do seu regresso (ver Capítulo XXII), e pelos muitos tributos à sua mediunidade e pelas cartas edificantes recebidas. O seu trabalho entre nós terminou, o seu novo trabalho começou.

Harry Edwards, 30 de março de 1940

CAPÍTULO I PREFÁCIO

ESTE livro apresenta uma série de fotografias de atividade supranormal e uma narrativa de eventos incidentais a elas.

Foram obtidas através da mediunidade física do Sr. Jack Webber durante os catorze meses de novembro de 1938 a dezembro de 1939. Não se trata de história antiga, são contemporâneas e repetem-se muitas vezes por ano, agora. Se as fotografias ou quaisquer declarações feitas forem contestadas, é de suma importância lembrar que a mediunidade ainda funciona e as demonstrações são continuamente dadas.¹

Não é necessário nenhum cenário especial. O Sr. Webber dá entre cento e cinquenta e duzentas demonstrações por ano, a grande maioria em lugares onde é um completo estranho. Regra geral, viaja desacompanhado, pelo que pré-arranjos ou conluio estão fora de questão.

Em 1939, mais de quatro mil pessoas testemunharam os fenómenos, desde pequenos círculos caseiros até sessões em massa com quinhentas pessoas.

As fotografias foram tiradas em lugares diferentes, por vezes em ambientes que o médium nunca antes visitara. Muitas vezes, ele chegava apenas alguns minutos antes do início da sessão. Os fotógrafos foram fotógrafos oficiais da imprensa representando jornais nacionais que forneceram as suas próprias câmaras e chapas e realizaram todo o trabalho

de processamento nos seus próprios estúdios. Outras pessoas que tiraram fotografias só estiveram presentes por possuírem uma câmara adequada.

Os participantes presentes durante o período em análise representam muitas profissões, incluindo representantes oficiais da British Broadcasting Corporation, jornais nacionais, os editores do *Psychic News*, do *Two Worlds*, do *Light* e do *Journal of Psychical Research* dos E.U.A., Almirantes da Frota, Clérigos, Médicos, Cientistas, Funcionários Universitários, etc., enquanto Sociedades de Investigação Psíquica em Londres e nas províncias testaram a mediunidade vezes sem conta.

Uma mente cética tem de enfrentar o facto de que as fotografias e os relatos são verdadeiros. Caso contrário, teria havido uma conspiração gigantesca envolvendo muitas centenas de pessoas, incluindo organizações e jornais de renome, todos participando ativamente em atos fraudulentos para enganar o público sem motivo ou recompensa.

Jornais e os seus representantes críticos estão mais do que dispostos a expor médiuns fraudulentos; no entanto, todos, sem exceção, testemunharam a favor da mediunidade em análise. Nenhum crítico digno desse nome classificaria todas as mentes alertas e questionadoras que testemunharam a mediunidade de Jack Webber como enganadas ou simplórias.

Para produzir fotografias falsas, tão perfeitas como as reproduzidas, envolveria várias das firmas fotográficas mais reputadas na conspiração; também os staffs técnicos dos jornais cujos nomes estão impressos nos relatos. Na verdade, a questão de falsificar negativos não se coloca, uma vez que os fenómenos são visíveis para todos os presentes quando se faz o flash de exposição.

Finalmente, uma mente hostil tem de levar em conta as dezenas de relatos publicados na imprensa psíquica e geral por correspondentes de integridade inquestionável, que forneceram voluntariamente comentários apreciativos sobre a mediunidade. Vários desses relatos estão incluídos com nomes e datas de publicação.

São publicados três relatos independentes de sessões, dois por representantes oficiais dos nossos jornais diários nacionais, reimpressos palavra por palavra, e o outro da pena de alguém versado em investigação psíquica.

Estes dão uma boa impressão dos acontecimentos numa sessão típica.

O propósito deste livro é adicionar um pouco ao conhecimento comprovado conhecido dos poderes das pessoas espirituais manifestando-se através de um médium humano.

Os fenómenos ocorrem quando o médium se senta deliberadamente para a sua manifestação num estado de transe profundo e com a sua consciência normal adormecida. Neste estado de dormência aquiescente, atinge-se a condição física e mental adequada para a operação de poderes psíquicos. Assim, estende-se um convite para as manifestações.

Todo o movimento da matéria, toda a vibração e radiação, até a própria vida, estão sujeitos a forças definidas controladas por lei.

A simples ação de levantar um objeto no ar e devolvê-lo ao lugar de onde veio traz em ação uma força mental controladora. Realizar uma ação semelhante por força psíquica denota a presença de uma inteligência que possui o conhecimento de aplicar forças psíquicas a um objeto físico. Para operações intrincadas e envolvidas, das quais as fotografias neste volume são evidência corroborativa, a inteligência controladora deve possuir um vasto conhecimento tanto de forças físicas como metafísicas e das leis que as controlam.

Como nenhuma mente humana é capaz de manipular, em condições de sessão ou quaisquer outras, a mente ou o corpo de um médium para produzir os fenómenos descritos, é lógico inferir que a inteligência controladora é não humana.

Tais acontecimentos não podem ser o produto da mente subconsciente do médium, pois não houve experiência humana da qual uma mente subconsciente possa extrair tal conhecimento.

Portanto, se a execução dos muitos atos cronificados está completamente fora da compreensão do homem, emerge o facto saliente — não há alternativa — de que a inteligência operadora deve pertencer a uma entidade desencarnada, e que, portanto, as pessoas espirituais existem.

Percebendo isto, não há razão para não aceitarmos as declarações dos controladores espirituais de que eles outrora viveram na terra. Evidência inquestionável é ainda fornecida pelas próprias pessoas espirituais que regressam aos seus parentes numa forma materializada reconhecível e falam na sua própria voz e língua de experiências mútuas terrestres íntimas. Como isto é assim, é indiscutível que os nossos parentes e amigos devem ainda estar vivos para serem capazes de comunicar assim. Se este livro estabelecer esta posição, o seu propósito será alcançado.

O valor para a humanidade de provar além de toda a dúvida a verdade da sobrevivência é incalculável. Com o reconhecimento de que esta vida é apenas um prelúdio para uma existência posterior e mais iluminada, cuja natureza é individual e, portanto, dependente da nossa conduta aqui, assim deve ocorrer uma transformação no nosso atual código de valores.

Nesta era calculadora e questionadora, é necessário um fundamento firme e demonstrável para uma filosofia de vida iluminada. Nunca antes houve uma necessidade maior de tal filosofia do que nestes dias de guerra, e a necessidade será ainda maior nos dias de reconstrução após a Guerra. Todos os povos estarão então à procura de uma nova moralidade, baseada em reivindicações mais fortes do que o credo tradicional.

A estrutura da nossa civilização atual baseia-se em leis determinadas por interesses individuais e seccionais, prenhes de injustiças, gerando guerras, revoluções e sofrimento humano. No passado, os esforços de paz foram conduzidos por fortes interesses seccionais, com o fracasso como resultado natural.

A paz e a irmandade, para serem reais, devem basear-se numa força espiritual insistente, fundada no conhecimento, reconhecendo a verdadeira percepção da vida e do seu propósito.

À medida que o preconceito recua e a aceitação geral das implicações da sobrevivência avança, assim deve a nossa civilização conformar-se cada vez mais a valores espirituais, impelindo a reconstrução dos nossos códigos social, económico, nacional e internacional, desenvolvendo a vida na compreensão de que o esforço humano deve contribuir para o progresso pacífico, harmonioso e espiritual da humanidade.

Por outras palavras, o objetivo deve ser espiritualizar o mundo.

Graças além de expressão são devidas ao Sr. Webber pela sua cooperação voluntária no trabalho, e particularmente aos seus guias e trabalhadores espirituais pela sua grande paciência e compreensão. Por vezes, semanas de trabalho da parte deles foram destruídas pela nossa falta de jeito — no entanto, nunca se queixaram. Só quando se trabalha continuamente com estas pessoas espirituais é que se percebe a sua infinidade de recursos e elas se tornam tão pessoais como os amigos mais próximos. Nenhuma forma de palavras pode expressar adequadamente os agradecimentos devidos a estas pessoas maravilhosas.

Uma homenagem deve ser prestada ao Sr. Leon Isaacs, pelo seu trabalho na aplicação de raios infravermelhos à fotografia de fenómenos: e

pela ajuda proporcionada pela sua perfeição de uma unidade prática de luz infravermelha.

Graças são também devidas ao Sr. Maurice Barbanell, Editor do *Psychic News*, pela assistência prestada em várias ocasiões, e ao *Psychic News*, ao *Two Worlds*, ao *Daily Mirror* e ao *Sunday Pictorial*, pela inclusão de artigos e extratos retirados destes jornais.

Harry Edwards

Balham Psychic Research Society, 11, Childebert Road, London,
S.W.17,

Janeiro de 1940.

CAPÍTULO II

O MÉDIUM — JOHN BOADEN (JACK) WEBBER

JACK WEBBER nasceu de pais de Devonshire em Loughor, no Sul do País de Gales, em 1907.

A sua infância foi tão comum como a da maioria das crianças, embora talvez um pouco mais irresponsável do que o habitual. A sua educação foi negligenciada durante os anos da guerra, na ausência de insistência disciplinar na frequência, etc.

Aos catorze anos, começou a trabalhar numa mina de carvão, e continuou assim até 1936. Durante o último período, o Sr. Webber estaria empregado debaixo de terra durante o dia. Chegando a casa à noite, preparava-se então para se sentar para fenómenos físicos. Esta dupla tensão nos seus recursos físicos era demasiado grande para continuar, pelo que o trabalho manual foi abandonado.

Na juventude, era cornetista na banda do Exército de Salvação — a sua mãe sendo uma trabalhadora fervorosa do Exército de Salvação — enquanto o seu pai era sineiro na igreja protestante local.

Quando o Sr. Webber tinha cerca de vinte e um anos, conheceu a Sr.^a Rhoda Bartlett, com quem casou em 1930. Têm dois filhos, Denzil, de oito anos, e George, de seis.

A Sr.^a Webber pertencia a uma família espiritualista convicta que, na altura em que o Sr. Webber conheceu a sua futura esposa, realizava círculos caseiros para o desenvolvimento dos seus dons psíquicos.

Aqui deve ser mencionada uma apreciação grata pela paciência e fidelidade da Sr.^a Webber e do Sr. e da Sr.^a Evans (pai e mãe da Sr.^a Webber) pelo seu trabalho metódico no desenvolvimento do Sr. Webber, e da filha deles, Winnie (agora Sr.^a Rooke), também uma conhecida curandeira, oradora e clarividente.

Para o Sr. Webber, aos vinte e um anos, o espiritualismo era, usando a sua própria expressão, «uma treta», no entanto, principalmente para estar com a sua noiva, assistia ao círculo caseiro e ficava completamente aborrecido com todo o procedimento, invariavelmente adormecendo.

Neste período, o círculo sentava-se para fenómenos de mesa, e, como é costume em tais círculos, mensagens seriam batidas. Uma noite, o Sr. Webber, ainda céptico, tentou pregar uma partida e manipular a mesa para dar uma mensagem falsa. Para sua surpresa, uma mensagem foi batida, apesar das suas táticas obstrutivas mentais e físicas. Uma mensagem que, ainda mais surpreendente, indicava o lugar correto onde seria encontrada uma mala perdida, contendo dinheiro.

Este incidente levou o Sr. Webber a reconsiderar a sua opinião anterior sobre as reuniões, e começou a interessar-se de forma mais simpática pelos círculos que frequentava.

Mais tarde, através do seu Guia, foi dada informação para a descoberta do corpo de um homem que estava desaparecido há alguns dias, sendo mencionado o local exato junto a uma ponte sobre um rio próximo. Noutra ocasião, contou a um amigo sobre o falecimento de um companheiro de trabalho. Tinham estado a trabalhar juntos nessa tarde e tinham-se separado em boa saúde. O amigo ridicularizou a ideia, mas depois verificou-se que era perfeitamente verdade, pois o homem em questão falecera à mesa do chá nessa mesma tarde.

O círculo de mesa foi transformado num círculo para o desenvolvimento de trabalho de controlo, e após cerca de dois anos desde o início, o Sr. Webber mergulhava num sono semelhante a transe.

A etapa seguinte no desenvolvimento do médium foi o controlo da mente e do corpo por entidades espirituais, sendo estas últimas substituídas mais tarde pelos controladores que utilizam o Sr. Webber para o seu trabalho atual. Este desenvolvimento não foi de modo algum fácil, proporcionando muitos momentos tensos pela violência com que os controladores se manifestavam através do corpo do médium.

O guia espiritual que controla o médium durante as sessões é Black Cloud. Nos primeiros dias, pediu brinquedos, instrumentos musicais, etc., para serem colocados perto do Sr. Webber no círculo — trombetas também foram adicionadas em breve.

Primeiro, notaram-se ligeiros movimentos e batidas, depois o desenvolvimento veio rapidamente e seguiu-se em breve a levitação das trombetas e dos objetos.

Foi sugerido que o Sr. Webber se sentasse num gabinete, mas, para a mente normal do Sr. Webber, sentar-se num gabinete fechado era suficiente para induzir uma certa dose de suspeita. O Sr. Webber nunca usou um gabinete — prefere estar no círculo, como um dos participantes.

Cordas foram usadas para o prender à cadeira na primeira instância, e é desta forma que a mediunidade foi construída, proporcionando uma técnica a que os controladores espirituais estão habituados.

Investigadores e outros sugeriram frequentemente outras formas de prender o médium, incluindo camisas de força, coser num saco, fechar numa caixa de embalagem, etc. Tais sugestões foram resistidas, principalmente porque seriam um desvio da técnica a que os controladores estão habituados, em segundo lugar, porque o médium deve ser protegido de experiências fantasiosas que o esgotam, e finalmente porque o uso de uma luz vermelha combinado com as precauções indicadas no capítulo seguinte são amplos e suficientes.

Mesmo durante esta etapa do seu desenvolvimento, o Sr. Webber ainda era cético quanto aos poderes que eram exercidos através dele, e só depois de visitar outros círculos no distrito, quando os mesmos fenómenos ocorreram e foram testemunhados por participantes independentes, é que o Sr. Webber veio a aceitar como facto real os seus próprios poderes psíquicos.

Forças de cura muito fortes tornaram-se em breve evidentes, principalmente através de um controlo espiritual conhecido como Malodar (um jovem egípcio). Foi empreendido um trabalho de cura considerável, incluindo a recolha de ervas e a preparação de medicamentos a partir delas. O Sr. Webber relata como seria levado para os pântanos e campos abertos perto da sua casa, num estado meio atordoado, até ao local onde cresciam as ervas particulares, recolhendo-as, e depois regressando a casa e fervendo-as para uma queixa específica. Verificou-se que o trabalho de

cura esgotava o corpo físico, pelo que, com o desenvolvimento da mediunidade física, o trabalho de cura foi permitido que diminuísse.

Adenda. Maio de 1940.

No início de 1940, o Sr. Stanley Croft (um membro do círculo de desenvolvimento) chegou uma noite, profundamente angustiado. A sua filha, evacuada para o Oeste do país, fora internada no hospital com uma grave septicemia, e desesperava-se pela sua vida.

Foi pedida assistência através dos Guias de Cura do Sr. Webber, que disseram que a dariam. Mais tarde, durante a mesma sessão, o controlo de cura, Malodar, falou através da trombeta e disse que fora até à paciente, e que regressaria novamente para extrair o veneno do seu corpo. Também deu esta informação probatória — o envenenamento fora causado pela picada de um inseto na cabeça.

Até esse momento, a causa do envenenamento não fora identificada, e as autoridades médicas não tinham conhecimento da causa do problema. O Sr. Croft escreveu e perguntou se tal picada poderia ser rastreada. Foi então recordado que um ou dois dias antes da doença, uma abelha ficara emaranhada no cabelo da Menina Croft e a picara quando estava a ser libertada. Nem a Menina Croft nem a sua mãe associaram a picada da abelha à doença, e esta informação probatória prova os poderes de diagnóstico, e que, claro, não poderia de modo algum ser telepatia.

Em poucos dias, todos os vestígios do veneno deixaram a paciente e a recuperação foi completa.

O mais notável foi a forma como óleos de cura seriam produzidos das mãos do médium. O Sr. Webber ficaria de pé junto ao seu paciente num estado de transe e óleo espesso escorreria para as suas mãos. Tão espessos eram estes óleos que as suas mãos apresentavam a aparência de terem sido imersas numa grande lata de Vaselina. O paciente seria então massajado com o óleo.

A preparação do médium para o trabalho futuro não se restringiu aos círculos de desenvolvimento. Continuou durante a noite, quando se ouviam batidas fortes, as roupas de cama eram puxadas da cama, uma mesa de cabeceira sobre a qual estava uma lâmpada de parafina e outros objetos variados inclinava-se para o lado e descia até ao chão sem que se derramasse qualquer óleo ou se deslocasse um objeto — e depois endireitava-se novamente. Ouviam-se vozes, e muitas vezes o Sr. Webber

expressava-se com força, dizendo aos controladores para o deixarem em paz.

Gradualmente, à medida que os anos passavam, os poderes desenvolviam-se, as vozes nas trombetas, e independentes da trombeta, tornavam-se mais fortes. Cabeças e mãos materializavam-se, e eventualmente o médium foi persuadido a dar demonstrações perante estranhos, visitando de forma amigável as casas de espiritualistas vizinhos.

Até muito recentemente, o Sr. Webber tinha medo destes fenómenos. Geralmente, assim que se sentava para uma sessão e a luz era apagada, e antes de o Sr. Webber entrar em transe, haveria ruídos e a levitação de trombetas, etc. Estes deixavam o médium temeroso até que o estado de transe lhe retirasse a consciência. No entanto, este medo está agora a desaparecer, pois no círculo de desenvolvimento, em luz vermelha, voz e levitação manifestaram-se antes de a normalidade partir. No início, estes fenómenos duravam alguns segundos, e depois, semana a semana, foram gradualmente prolongados para cinco a dez minutos, conseqüentemente o médium pode agora ver uma parte dos fenómenos, e é capaz de ouvir e falar com os seus próprios controladores.

O Sr. Webber é um homem modesto, iletrado, apreciador de desportos atléticos, um jogador ávido de dardos, e sempre disposto a ajudar quem precisa da sua assistência. Nunca ainda foi negado a qualquer pessoa que precisasse do conforto do regresso dos seus entes queridos, mesmo que não pudessem pagar nem uma porção da taxa habitual. O Sr. Webber cooperou com alegre disponibilidade em todos os esforços para aprofundar o nosso conhecimento das pessoas espirituais.

A seguir, estão alguns dos principais controladores espirituais envolvidos na mediunidade atual.

Black Cloud. Um índio norte-americano da tribo Mohawk. Ele assume o controlo da sessão e está em controlo direto do corpo do médium. Quando Black Cloud se manifestou pela primeira vez, não conseguia falar inglês, e afastou-se por algum tempo para aprender, através do médium, um vocabulário inglês. É a Black Cloud que mais devemos, tanto pela sua cooperação na tirada de fotografias como pela compreensão atenta que demonstrou e que o tornou querido para aqueles que tiveram o privilégio de cooperar no trabalho.

Paddy. Um controlador rapaz. É um dos trabalhadores mais ativos na sessão, e está no controlo do «círculo interior». Atua como instrutor para as

pessoas espirituais que desejam tornar conhecida a sua presença, dizendo-lhes a forma de usar o mecanismo de voz ectoplásmico. Tem um sentido de humor extremamente acentuado, mas pode ser muito sério, especialmente quando dá uma explicação sobre como os fenômenos são produzidos. Paddy canta com uma voz fina e materializou-se muitas vezes. É um visitante constante das casas dos membros do círculo de desenvolvimento, relatando vários incidentes que lhes aconteceram durante o dia. Uma personalidade muito adorável.

Reuben. Um sul-americano, professor de profissão, visitou este país durante a sua vida terrena e faleceu de tétano. Nas suas primeiras tentativas de controlar o médium foi muito violento, reproduzindo as contorções físicas da doença de que faleceu.

É uma agência poderosa no trabalho do círculo, e é particularmente notado pela sua voz de canto forte, um barítono rico, que foi gravado pela Decca Record Co., Ltd. Esta voz é tão poderosa que tem a força total de um altifalante, e é referida num capítulo posterior.

Reuben também controla o médium para discursos em transe na plataforma, mas este trabalho foi permitido que diminuísse para conservar a força do médium. Materializou-se completamente.

Outros controladores são Malodar, o curandeiro; Talgar; Rev. John Boaden (um tio-avô do médium); Dr. Millar e Professor Dale, cujo trabalho está principalmente relacionado com as materializações e cujas existências terrenas foram verificadas a partir dos dados que forneceram.

CAPÍTULO III

FOTOGRAFIA INFRAVERMELHA

A seguir, é uma descrição simples não técnica do método pelo qual as fotografias reproduzidas neste livro foram obtidas.

Todas as fotografias foram tiradas por meio de raio infravermelho. Por este meio, a lente de uma câmara é capaz de registrar no escuro tudo o que existe, de forma tão clara e precisa como uma fotografia tirada em luz branca normal.

O método adotado foi disparar uma poderosa lâmpada sashalite alojada num gabinete à prova de luz. Um lado do gabinete está equipado com um filtro infravermelho.

A lâmpada gera de 100 000 a 150 000 watts, e o período do flash, e portanto da exposição, é de um quinquagésimo a um septuagésimo quinto de segundo.

Com este flash momentâneo de tal poder tremendo, apenas uma emissão de luz vermelha escura e baça é vista pelo olho.

As câmaras são carregadas com chapas sensíveis ao raio infravermelho.

Quando o raio infravermelho se tornou prático pela primeira vez para uso fotográfico no escuro, disse-se que exporia a fraude nas salas de sessão. Através da mediunidade do Sr. Webber, provou a genuinidade dos fenómenos físicos, e, ao fazê-lo, forneceu evidência de sobrevivência após a «morte».

O raio infravermelho é o mais adequado para este trabalho: em primeiro lugar, porque as radiações emitidas são as menos prejudiciais para as formações ectoplásmicas, etc. (tais formações não podem ser criadas fisicamente na presença de raios ultravioleta, que são prejudiciais para a mediunidade); e em segundo lugar, porque é o único processo conhecido que permite que registos fotográficos sejam tirados na escuridão.

A rapidez da exposição impede a possibilidade de conluio por qualquer participante com o médium, pois qualquer mudança de posição seria registada.

Regra geral, várias câmaras são posicionadas na sala para obter fotografias de ângulos diferentes. Qualquer pessoa com uma câmara que possua uma lente razoavelmente rápida pode tirar as fotografias.

A maioria destas fotografias foi tirada durante as sessões do círculo de desenvolvimento do Sr. Webber, ou em sessões fotográficas especiais, quando representantes da Imprensa e de outras organizações estiveram presentes na sua capacidade oficial, trazendo consigo o seu próprio equipamento. Ocasionalmente, foram tiradas em lugares que o médium nunca antes visitara.

Geralmente, o Guia, falando através do médium, dá a instrução sobre quando a fotografia deve ser tirada, e o operador responsável pelo flash infravermelho pressiona então o interruptor. As lentes das câmaras permaneceram entretanto abertas, aguardando a exposição necessária. Numa ocasião, o interruptor para disparar a lâmpada foi colocado debaixo da mão do médium, para que o Guia no controlo do médium pudesse pressionar o interruptor e assim tirar a fotografia no momento mais adequado.

CAPÍTULO IV A CONTENÇÃO DO MÉDIUM

O método geral de prender o médium é com uma corda de quinze jardas de comprimento, a uma cadeira de braço de madeira do padrão Windsor. Por vezes, a corda foi fornecida por pessoas independentes. Às vezes, são usadas comprimentos curtos, com fitas e fios independentes adicionais para prender os braços e as pernas.

A amarração pode ser realizada por qualquer pessoa presente. Nas centenas de sessões públicas, a amarração com cordas foi realizada por amarradores habilidosos, marinheiros, polícias e investigadores psíquicos, etc.

Precauções adicionais empregadas são a costura das extremidades da corda, após a amarração, tornando-a assim sem fim. As extremidades e os nós são selados com cera e impressos com um selo fornecido por qualquer participante. Um pedaço de algodão ou lã é então amarrado na base de um polegar, um pedaço de papel enfiado através de um buraco de agulha, e a outra extremidade amarrada na base do polegar oposto. O valor desta precaução em demonstrar atividade supranormal é visto quando dois ou três objetos estão em levitação simultânea, tão afastados uns dos outros que seria uma impossibilidade física para o médium realizar o movimento

normalmente com as mãos presas por um algodão ou um pedaço de lã frágil, de quinze polegadas de comprimento. O afastamento dos objetos em levitação pode ser tão amplo que nenhuma pessoa poderia manipular ambos os movimentos, mesmo com as mãos completamente livres.

Em várias ocasiões na London Spiritual Alliance em 1939, foi usada uma corda muito longa (propriedade da organização), na qual a amarração foi realizada conforme planeado. Um nó de recife prendia primeiro o centro da corda às costas da cadeira. A corda era então passada à volta do corpo quatro vezes, e cada vez atada nas costas da cadeira. Cada braço superior era amarrado duas vezes e atado ao suporte traseiro da cadeira, e os antebraços eram amarrados várias vezes ao apoio de braços.

O resto da corda prendia as pernas e os tornozelos do médium às pernas da cadeira. As extremidades da corda eram então cosidas com fio forte, seladas com cera e impressas com um anel de sinete. Nestas ocasiões (como acontece frequentemente), as cordas eram amarradas apenas suficientemente apertadas para não impedir a circulação sanguínea. Durante o decurso de uma sessão* (cerca de duas horas), os braços e as pernas incham, de modo que, no momento em que a sessão termina, as cordas pressionam bem na carne, tanto assim que as marcas das cordas são visíveis horas após o término da sessão.

Nas sessões com a London Spiritual Alliance, foram dadas demonstrações completas, das quais os dois incidentes seguintes merecem ser mencionados.

O Sr. Webber foi amarrado como acima, deixando-se a sua própria corda solta por perto. Durante a sessão, esta corda sobressalente foi tomada e o participante ao lado do médium foi amarrado por «mãos» invisíveis à sua cadeira. A corda foi levada diretamente através do círculo e entrelaçada na cadeira do participante oposto, por baixo do assento e à volta das pernas da cadeira, regressando a corda para enredar ainda mais o primeiro participante, sendo o resto atado numa confusão de nós sem extremidade visível. Quando a sessão terminou, a corda teve de ser cortada para libertar o participante e para soltar a corda de cada cadeira.

O segundo incidente ocorreu noutra ocasião, estando o médium amarrado de forma semelhante. Quando o casaco foi removido do corpo enquanto as mãos do médium eram seguradas por participantes adjacentes, verificou-se que um elástico de braço que o médium usava acima do cotovelo estava fora de uma corda, ou seja, a corda que fora atada por cima

do casaco na primeira amarração estava por baixo do elástico do braço. Para fazer isto normalmente, a extremidade da corda cosida e selada teria de ser libertada, todos os nós desfeitos até ao elástico do braço e depois enfiada, restaurando-se os nós e as amarrações e cosendo-se novamente as extremidades, e selando-se com o anel de sinete do participante. Mais tarde, quando o casaco foi devolvido ao corpo do médium, a corda foi libertada do elástico e deixada fora do casaco como originalmente atada.

O Guia explicou mais tarde que o elástico fora desmaterializado quando o casaco foi retirado e rematerializado fora da corda; quando o casaco estava a ser recolocado, o processo teve de ser invertido para permitir que a corda fosse libertada para ser colocada fora do casaco.

Outro método que tem sido usado é empregar uma amarração «sensível», de modo que, se o médium alguma vez se libertasse (normalmente) das cordas, estas cairiam num único laço, impossível de recolocar sem assistência.

Repetidamente durante as sessões, a luz branca é acesa imediatamente antes e depois de alguma fase de fenómenos que requer ação rápida. Aqueles que amarraram o médium são convidados pelo Guia a examinar as cordas, etc., para ver se estão precisamente como originalmente atadas. A amarração nunca foi encontrada alterada, e no final de uma sessão, quaisquer que fossem os fenómenos, está exatamente como atada no início. O relato mais adiante do Sr. Colin Evans de uma das nossas sessões ilustra este ponto em detalhe.

A amarração, por mais elaboradamente atada que seja, é ineficaz para manter o médium na cadeira, se o Guia desejar tirá-lo das amarrações. Esta proeza é uma das mais notáveis exibidas pelas pessoas espirituais. O *modus operandi* é o seguinte: a luz é acesa para mostrar o médium amarrado na cadeira, as cordas e os nós são examinados, e a luz é apagada. O que se ouve a seguir é a instrução para «luz», que mostra o médium de pé do lado oposto do círculo.

O tempo decorrido pode ser apenas alguns segundos. As cordas são vistas a repousar na cadeira como atadas, até ao cruzamento de uma corda sobre outra, precisamente na mesma posição como se o corpo do médium estivesse dentro delas. Ao considerar este processo, é interessante lembrar que, regra geral, leva duas pessoas de dois a quatro minutos cada uma para amarrar o médium apenas nas cordas, e um tempo apreciável para desfazer

os nós, por vezes mais longo, especialmente quando os nós são obstinados, do que o tempo levado para o amarrar.

O regresso do médium à condição amarrada na cadeira é também uma questão de segundos, de cinco a dez. O médium é visto de pé num estado de transe afastado da cadeira. Antes de a luz ser apagada, pode ser visto a girar rapidamente. A luz é apagada, e pode ouvir-se um ligeiro som. Há um pedido imediato de luz, e ele é visto de volta na sua cadeira, amarrado precisamente, até ao mais ínfimo detalhe, como antes.

Uma variação do acima é a seguinte:

A luz branca é acesa e as amarrações são examinadas. Depois, dois participantes são pedidos para segurar as mãos do médium. A luz é apagada. Os participantes ligados ao médium sentem as suas mãos cair sobre o lado do braço da cadeira e o médium levanta-se, saindo das cordas, sem esforço ou sacudidelas.

Em várias ocasiões, o médium foi levitado para fora das cordas e depositado fora do círculo de participantes. Os participantes estão próximos uns dos outros, tocando-se com as mãos ligadas, em formação de círculo. O médium, portanto, teve de ser levitado no ar e transportado sobre as cabeças dos participantes para permitir que aterrasse fora do círculo. Por vezes, numa tal ocasião, pode ficar suspenso no ar durante vários minutos, os seus pés repousando suavemente nos ombros de um participante que é pedido pelo Guia para colocar as mãos neles e sentir os lados das pernas.

Enquanto o participante faz isto, o teto pode ser batido de forma algo violenta pela cabeça e/ou mãos do médium. O aspeto interessante deste fenómeno é que não se sente qualquer peso nos ombros do participante. O médium é então trazido ao chão fora do círculo de participantes. Regra geral, isto ocorre no final de uma sessão, e o médium é então trazido a si próprio — de pé.

Quando isto acontece, as cordas são deixadas na cadeira, e esforços são feitos por um dos participantes para tentar entrar na amarração. Uma senhora e o autor, ambos com ossos mais pequenos do que o Sr. Webber, tentaram sem sucesso colocar ambos os braços e pernas nas fixações. A luta dura vários minutos, mas mesmo após tirar os sapatos, ninguém conseguiu ainda fazê-lo.

Quando se conseguiu meter um braço, foi apenas deslocando as cordas e amarrotando a roupa. Raramente é possível meter as mangas do casaco debaixo das cordas, e quando o braço superior do médium estava

amarrado à cadeira, a tarefa de reentrada normal era absolutamente impossível. Estes esforços normais faziam considerável ruído, e é notável que, quando o médium é devolvido à condição amarrada na cadeira, tudo o que se ouve é um ligeiro movimento enquanto o corpo levitado assenta na cadeira, acompanhado por um pedido imediato de «luz».

Em junho de 1939, três representantes da British Broadcasting Corporation estiveram presentes. Eram o Sr. Lot de Biniere, Diretor de Transmissões Externas, e o Sr. John Snagge e o Sr. Michael Standing, Comentaristas. Estes senhores encarregaram-se de prender o médium.

Após ele ter sido amarrado com cordas, as extremidades das cordas, nós, etc., foram amarrados com algodão e atados. Um comprimento extra de algodão foi atado pelo Sr. Lot de Biniere à volta do exterior do antebraço do médium ao apoio de braços da cadeira, depois atado à volta dos botões no punho do casaco, levado diretamente à frente do corpo do médium para o outro lado onde os botões do punho do casaco oposto, o braço e a cadeira foram presos de forma semelhante.

Durante esta sessão, o casaco foi retirado enquanto as mãos do médium eram seguras por dois destes senhores, sem que o algodão fosse rompido (fazendo-se o exame em luz branca imediatamente após o casaco cair ao chão). Mais tarde, o casaco foi devolvido ao corpo com o algodão intacto e atado à volta dos botões do punho do casaco como originalmente atado.

No final de uma sessão de duas horas, o Sr. Lot de Biniere foi pedido para examinar minuciosamente o algodão nas cordas e especialmente o que estava à frente do corpo, e declarou que tudo estava exatamente como originalmente atado.

O Guia pediu-lhe então para romper o algodão à frente do médium, o que ele fez com esforço negligenciável. Isto demonstrou como a mais ligeira tensão no algodão durante os fenómenos da noite teria rompido facilmente o fio.

Experiências posteriores incluem a amarração (após a amarração com cordas) de fios de seda, firmemente e apertados à volta dos pulsos e à cadeira (nós por baixo) e cotovelo às costas da cadeira (nós na retaguarda). No final da sessão, o fio de seda foi encontrado incrustado na carne do pulso devido ao inchaço.

Em outros capítulos, são referidos diferentes métodos de prender o médium.

Para aqueles que ainda possam considerar que o médium possa possuir uma técnica para permitir a sua saída e entrada das fixações normalmente, há um aspeto final que proíbe essa suposição. No início de uma sessão, imediatamente após a amarração, a luz é apagada. Numa fração de segundo, uma ou duas trombetas estão em levitação a rodear os participantes. Quando a levitação termina e as trombetas descem ao chão, há um pedido imediato de luz. As trombetas podem ter-se movido vários pés afastadas do médium e terem parado bem afastadas da sua cadeira.

Frequentemente, na maioria das sessões, as trombetas estão caídas no chão, em posições onde é absolutamente impossível para o médium tocá-las sem sair das fixações e baixar-se para as apanhar. A ligação quase instantânea da luz antes e depois disto, e de outros fenómenos, ilustra para além de qualquer dúvida possível que meios supranormais devem ter sido empregados.

Os Guias aperfeiçoaram tanto esta rapidez de ação que as trombetas são muitas vezes vistas a mover-se enquanto a luz se acende — e ainda mais espantoso, continuando em movimento por um período enquanto a luz está acesa. (Ver a descrição de Colin Evans de uma sessão, mais adiante neste volume.)

O principal propósito da amarração com cordas é a prevenção de qualquer ação consciente ou subconsciente por parte do médium, mas é também projetado para satisfazer os participantes de que o médium não está consciente, subconscientemente ou fraudulentamente a produzir movimento. O único objetivo da mediunidade é fornecer prova de sobrevivência através de ação supranormal, dirigida por inteligências que possuem um conhecimento maior do que o nosso.

Sessões especiais em luz vermelha adicionam mais testemunho aos poderes das pessoas espirituais em manipular forças para além do conhecimento humano. Em luz vermelha, a levitação foi observada repetidamente — o médium entretanto estando amarrado na sua cadeira, enquanto artigos, trombetas, etc., se movem à volta, para cima e para baixo, rodopiando, virando e realizando todo o tipo de evoluções sem qualquer ligação visível com o médium.

Alternativamente, o artigo é visto por vezes em movimento, firmemente segurado por uma estrutura ectoplásmica emergindo do plexo solar ou outra parte do corpo do médium — o médium sendo visto,

bastante imóvel, amarrado na sua cadeira. (Ver capítulo posterior sobre estruturas ectoplásmicas.)

CAPÍTULO V

RELATO DE UMA SESSÃO POR BERNARD GRAY (Sunday Pictorial).

A sessão relatada ocorreu a 24 de maio de 1939, e ocupou duas páginas do Sunday Pictorial datado de 28 de maio de 1939.

O Sr. Gray prefaciou o seu relato com uma declaração juramentada da seguinte forma:

«Eu, Bernard Gray, de 27, Barn Rise, Wembley Park, no Condado de Middlesex, Jornalista, juro e declaro o seguinte: 1. Que a minha descrição dos incidentes enumerados no Artigo escrito por mim aqui anexado e marcado 'B.G.' a aparecer na edição do Sunday Pictorial do dia Vinte e Oito de Maio de Mil Novecentos e Trinta e Nove sob o título 'I Swear I Saw This Happen' é verdadeira. 2. Juro ainda e declaro que os incidentes assim descritos em tal Artigo ocorreram na minha presença.»

Este juramento foi prestado perante um solicitador ontem.

Atei-o à cadeira, mãos e pés, com nós e nós duplos que um marinheiro me ensinou outrora.

Só para ter a certeza de que ele não conseguiria libertar-se e regressar sem eu saber, atei comprimentos de algodão doméstico das cordas às pernas da cadeira. E cosi a frente do seu casaco com fio grosso.

Assim começou a minha segunda investigação nos mistérios do Espiritualismo.

O homem que eu amarrara era Jack Webber, outrora mineiro galês. Agora é um médium — um homem para quem são feitas reivindicações tão notáveis que o selecionei para o meu primeiro teste.

Através dele, foi-me dito, são realizados alguns dos milagres mais espantosos do poder espiritual, demonstrações físicas destinadas a provar a realidade da vida após a morte.

E nesta, a minha segunda aventura no Espiritualismo durante a minha associação com o Sunday Pictorial, quero fenómenos físicos.

Feitos surpreendentes, não palavras, como prova. Não testemunhos de pessoas que afirmam ter sido curadas, não mensagens dos mortos. Apenas

factos materiais que um homem materialmente minded como eu possa compreender. Quero convicção final e completa. Isso é mais importante para mim do que Hitler, o Eixo, ou mesmo a ameaça de guerra. E é por isso que pedi ao Editor para me permitir — por um tempo — deixar a política, e ir em busca da Verdade.

Assim nos sentámos, catorze de nós, um grupo alegre e falador de pessoas muito comuns, numa sala simplesmente mobilada em Balham, Londres.

Havia um polícia metropolitano. Um engenheiro consultor. Um empregado de mesa. Um carteiro. Um encanador chefe. Várias mulheres de várias idades. E ao meu lado, entre o médium e eu, o Sr. Harry Edwards, líder da Balham Psychic Society, de profissão impressor.

Todos segurávamos as mãos frouxamente, o Sr. Webber acomodou-se o mais confortavelmente que os meus nós permitiam, e apagou-se a luz, deixando apenas uma lâmpada vermelha brilhando tenuemente através da escuridão do meio da sala.

As coisas começaram a acontecer imediatamente. Continuaram a acontecer com notável rapidez, com variedade surpreendente, durante noventa minutos.

Mas não quero relatá-las por ordem. Pois quero descrever primeiro dois acontecimentos espantosos que fazem o resto parecer pequeno em contraste. Acontecimentos que eu, pessoalmente, só posso comparar com os milagres do Novo Testamento.

HÁ A APARIÇÃO, NO AR, POR ASSIM DIZER, DE UM ROSTO HUMANO PERFEITO.

Estou sentado, lembrem-se, apenas um afastado do médium. Passou uma hora da sessão. A tensão inicial, o traço de excitação, que talvez me afetasse no início, desapareceu. Estou no meu normal, fresco e vigilante — alerta para qualquer sinal de engano, acostumado ao brilho estranho da luz que recebemos da lâmpada vermelha perto do teto.

No canto, tão perto que o posso tocar, o médium respira pesadamente, engolindo ocasionalmente, gemendo inquietamente por vezes, como um homem com um pesadelo.

De repente, gorgoleja de forma alarmante, como se fizesse algum esforço ainda maior.

Diante de mim ergue-se uma espécie de placa, parecida com uma ardósia, e da superfície superior emana uma luz branca luminosa. Observo-

a atentamente, sem a menor perturbação. Vi-a no seu estado normal antes de a sessão começar. Um pedaço comum de madeira de quatro camadas, com cerca de um pé de comprimento e nove polegadas de largura.

Agora paira à frente do rosto do médium, o seu brilho suave iluminando as suas feições tão claramente que posso ver os olhos fechados e os lábios contraídos.

Move-se suavemente para baixo até às suas mãos e vejo claramente que os braços ainda estão amarrados à cadeira.

«ESTÁ A MOSTRAR-VOS O MÉDIUM PARA VOS CONVENCER DE QUE ELE AINDA ESTÁ NA MESMA POSIÇÃO», EXPLICA O SR. EDWARDS, NUM TOM NORMAL. «AH! AGORA É QUE VÃO VER ALGO MESMO!»

A placa luminosa moveu-se para mim. Paira imóvel tão perto do meu rosto que sinto que, se respirar com força, a sopro para longe.

«Observem!», diz o Sr. Edwards, apertando-me a mão.

Então, acima da placa, começo a ver algo branco emergindo da escuridão. Quase invisível no início, cresce mais forte a cada momento, como um farol de automóvel avançando através do nevoeiro; até que o posso ver claramente como uma elipse diáfana, de pé na sua extremidade, por assim dizer, na placa.

«Ectoplasma», diz o Sr. Edwards. «Observem atentamente o centro dele!»

Não é preciso dizer-me. Os meus olhos estão colados nele, embora, quero enfatizar, ainda estou fresco e sem emoção.

Agora, enquadrado neste halo luminoso, posso perceber vagamente o que parecem ser feições. Estão a tornar-se mais claras, mais fáceis de traçar. Há o nariz, e — sim — a boca. Os olhos, e, meu Deus!

As pálpebras estão a mover-se.

A placa move-se ainda mais perto. Os olhos, suaves e naturais, olham diretamente nos meus. Volto-me abruptamente para um estado de espírito desligado e inquisitivo, examino a coisa à minha frente de perto e com escrutínio.

Não é como as imagens de rostos espirituais que muitos de nós vimos em jornais espiritualistas. Não é branco e sobrenatural, como a moldura em que está inserido; antes é UM ROSTO HUMANO — MAS MAIS SUAVE, MAIS FINO, E DE ALGUMA FORMA DIFERENTE.

Posso traçar as maçãs do rosto desvanecendo-se dos olhos. Os lábios, estão bastante claros. O queixo, arredondado e delicado, é silhuetado contra a borda inferior do halo. Reconheço-o de repente como o rosto de uma senhora muito idosa. Tal como uma linda miniatura — pois é muito menor, agora que penso, do que o rosto de qualquer adulto — e fala-nos», diz o Sr. Edwards, encorajadoramente. Estou a observar os lábios. Separam-se um pouco, movem-se com esforço.

RELATO DE UMA SESSÃO POR BERNARD GRAY 37

Há um sussurro. O que está ela a dizer? A quem está a falar? Sim — consegui. «MEU RAPAZ, MEU RAPAZ», SUSSURRA UMA VOZ DE MULHER, NUM TOM DE UMA RIQUEZA DE AMOR, OU TALVEZ COMPAIXÃO. «A quem está a falar?», pergunto, sem tirar os olhos do rosto por um segundo. «A si», responde Edwards. «Fale com ela!»

«Quem é a senhora?», pergunto, gentilmente. «Eu sou——», responde ela, e sussurra um nome que não repetirei — é pessoal. «Não posso ficar», continua. «Só quero que todos me vejam. Deus o abençoe, meu rapaz...»

A placa e o seu fardo afastam-se. Posso vê-la a flutuar à volta do nosso círculo. Outros participantes exclamam que a podem ver, bastante claramente, que é maravilhoso. Fico contente por não ser o único que a pode ver...

A placa regressa a mim. As feições na miniatura estão a desvanecer-se, como contornos cedendo ao crepúsculo de uma noite de verão. Agora o halo também está a desaparecer.

Só resta a placa. O seu brilho desaparece com a rapidez de uma luz a ser apagada. A placa cai com um estrondo aos meus pés. «Luzes acesas», diz uma voz instantaneamente.

Há o clique de um interruptor. Em menos de cinco segundos, toda a sala está banhada em luz elétrica. Toda a gente está no seu lugar, de mãos dadas. O médium está amarrado exatamente da mesma forma na sua cadeira — inconsciente no seu transe.

E AOS MEUS PÉS ESTÁ O PEDAÇO DE MADEIRA COMUM DE QUATRO CAMADAS...

A voz grave que vem do canto do médium — chamam-lhe a voz de Black Cloud, o guia espiritual índio de Webber — diz:

«Quero que o senhor ao lado do Sr. Edwards segure a mão direita do médium. Quero que a senhora à esquerda do médium segure a mão

esquerda dele.» Edwards guia a minha mão sobre os seus joelhos até à mão do médium.

Sinto os meus dedos serem apertados num aperto poderoso. A pressão aumenta até doer. Cerro os dentes e espero.

O médium geme como um homem com dores. «Sinto um tecido macio a roçar no meu pulso. Consegue sentir o casaco dele?», pergunta a voz grave no canto. «Sinto algum tipo de material no meu pulso», respondo, prontamente. «Estou a desmaterializar o casaco dele e a retirá-lo.» Agora o casaco roça no outro lado do meu pulso. Algo cai ao chão com um impacto leve e sussurrante. «LUZES ACESAS», DIZ A VOZ DE FORMA SECA.

Simultaneamente, parece, alguém pressiona o interruptor.

O médium está de mangas de camisa. Já não usa o casaco. À volta dos braços, agora sobre a camisa, estão as cordas, ainda presas pelos meus nós patenteados.

Os fios finos de algodão das cordas à cadeira estão intactos.

No chão, o casaco do médium. Nem um ponto que segura as bordas está rompido. O meu fio torcido à volta do botão exatamente como o deixara. «Isso destina-se apenas a provar-lhe que o mundo espiritual existe e tem poder para desmaterializar», diz a voz grave no canto, quando as luzes estão novamente apagadas. «Mais tarde, espero recolocar o casaco do médium.»

Meia hora depois, a senhora do outro lado e eu somos pedidos para segurar as mãos de Webber uma segunda vez. Novamente, o aperto é firme o suficiente para doer.

Um sussurro. Tecido a roçar novamente no meu pulso.

Sim, e agora no outro lado.

Luzes. Webber usa novamente o casaco.

Por cima e à volta de cada braço, as amarrações. O algodão intacto. O fio exatamente como antes, mas as amarrações e O ALGODÃO ESTÃO POR CIMA DO CASACO. «A mão dele apertou a minha o tempo todo», diz a rapariga do outro lado, esfregando os dedos. «E senti o casaco passar pelo meu pulso. Não sentiu?»

Bem, esses dois acontecimentos, ou milagres — chamem-lhes o que quiserem, exigem um pouco de explicação para serem afastados.

Houve outras coisas também. Montes delas. «Sinto uma mão na minha cabeça», disse o Sr. Edwards, casualmente, como se fosse algo bastante natural uma mão emergir do nada. «Sinto algo na minha cabeça», disse eu

um momento depois, e apertei mais a mão de Edwards para ter a certeza de que não fora levantada.

Algo puxava o meu cabelo com bastante força. Percebi então, com um sentimento de choque, que o «algo» eram definitivamente dedos, mas um pouco diferentes de dedos humanos.

Pareciam mais afiados, mais como garras, quase metálicos nas pontas.

O meu vizinho riu-se. «Sei o que estão a fazer», disse ele, altamente divertido.

Os dedos puxaram-me firmemente pelo cabelo na direção de Edwards, até a minha cabeça tocar na dele. O meu cabelo foi puxado e torcido durante um minuto inteiro. «Estamos a ser atados juntos», disse o meu vizinho, rindo. «Não sente o seu cabelo a ser torcido com o meu?»

Fomos atados juntos, também! Não conseguíamos separar-nos, e a sessão foi interrompida por um ou dois momentos enquanto as luzes eram acesas para que pudéssemos ser desenredados. «Uma partida maliciosa», disse toda a gente, rindo da nossa situação. Maliciosa, sem dúvida. Inexplicável, também.

Juro que ninguém se moveu antes, durante ou depois de os nós serem atados no nosso cabelo.

Frequentemente, ao longo dos procedimentos, as trombetas luminosas disparavam pela sala três de cada vez, com a velocidade e precisão de andorinhas em voo. «Gostaria de ter a certeza absoluta de que ninguém as segura», disse eu ousadamente, embora eu próprio considerasse impossível.

Uma das trombetas disparou diretamente para a minha cabeça com a velocidade de um comboio expresso, parou abruptamente assim que tocou na minha têmpora, e encolhi-me esperando um golpe de nocaute.

Aquele cone de lata procedeu a passar-se no meu rosto e à volta da minha cabeça, pressionando primeiro a extremidade larga, depois a estreita, contra os meus lábios para provar que não tinha qualquer ligação terrena em qualquer ponto da sua superfície.

Um sino que eu vira numa mesa num canto ergueu-se no ar e tocou um acompanhamento rítmico ao nosso canto. Um par de castanholas, semelhantes às usadas por um baterista de banda de dança, flutuou clacando alegremente ao ritmo da música.

Numa voz de baixo poderosa, que foi gravada em discos de gramofone, «Reuben» liderou alguns dos cantos.

Brinquedos na sala, iluminados por um brilho incandescente estranho, saltaram da mesa e navegaram perto do teto. Um rapaz, foi-me dito, brinca com os brinquedos — um rapaz que morreu há alguns anos.

Quando algo se moveu da mesa e começou a disparar pela sala, o Sr. Edwards explicou que era uma boneca.

Fosse o que fosse, pousou no meu joelho e saltitou para cima e para baixo na minha perna. Podia senti-lo assim como vê-lo a brilhar, como uma minhoca luminosa de tamanho exagerado. Veio repousar finalmente no meu joelho. E quando as luzes se acenderam, descobri que era de facto um elefante de brinquedo, como qualquer criança usaria para brincar.

Vê-se, portanto, que não foi uma reunião sombria de modo algum. As partidas estranhas com os brinquedos — um comboio de corda deu corda a si próprio e esgotou-se perto do teto — animaram distinctly os procedimentos.

Todas estas pequenas coisas, no entanto, empalideceram para a insignificância ao lado de uma demonstração notável de remoção de mobília por mãos invisíveis.

A MESA PESADA NO CANTO, LOGO ATRÁS DE MIM,
RELATO DE UMA SESSÃO POR BERNARD GRAY 41

ERGUER-SE DIRETAMENTE NO AR, ROÇANDO NO MEU CASACO AO PASSAR. POUSOU UMA PERNA LEVEMENTE NO MEU OMBRO POR UM MOMENTO, FOI LEVADA DIRETAMENTE PARA O OUTRO LADO DA SALA E DESCEU AO CHÃO COM UM ESTRONDO DISTINTO. Vi-a em passagem, porque se destacava contra E claro que houve mensagens espirituais para alguns dos participantes. Não quero escrever sobre elas. Nesta série de artigos, estou mais preocupado com incidentes.

Bem, este é o meu testemunho. Não consigo explicar nada do que vi.
MAS CADA PALAVRA QUE ESCREVI É VERDADEIRA.

E embora muitos dos meus amigos pensem que enlouqueci — digo novamente: VI ACONTECER.

CAPÍTULO VI

ANÁLISE CRÍTICA DE UMA SESSÃO POR COLIN EVANS, B.A.

ASSISTI a uma sessão de grupo para fenómenos físicos com Jack Webber, na segunda-feira, 27 de fevereiro de 1939. Estava particularmente alerta e observador e mais analítico e crítico do que, na minha própria experiência como médium, é geralmente aconselhável ser (devido às radiações mentais pouco úteis resultantes de tal atitude).

Os únicos dois participantes que poderiam ser supostos ter associação pessoal com o médium ou que mesmo um cético hostil poderia suspeitar de conluio, eram o Sr. Harry Edwards, o chefe da Balham Psychic Research Society — sob cujos auspícios Webber se senta — e o sogro de Webber.

Estes dois senhores estavam em pontos da sala mais remotos do médium — o primeiro no extremo oposto da sala, o último no canto diagonalmente oposto mais distante de Webber, onde está o controlo da luz elétrica.

Nenhum fenómeno ocorreu suficientemente perto de qualquer destes senhores para ser fisicamente possível que desempenhassem qualquer papel nele, e em nenhum momento, por quaisquer meios possíveis, qualquer deles poderia ter deixado a sua posição sem o pleno conhecimento de metade dos participantes independentes. Nenhum destes senhores teve qualquer papel na amarração e atadura do médium ou na costura do seu casaco.

Sentei-me junto à porta no quarto lugar a partir do médium.

Esta sessão foi realizada na escuridão. Examinei muito de perto a atadura dos braços e tornozelos do médium à cadeira com corda. Dois homens fizeram isto, e os nós atados e a tensão da corda eram tais que nenhum truque de «escape» era possível que permitisse regressar às cordas sem perturbação óbvia delas.

Cortavam bem na carne, e os músculos dos braços e tornozelos estavam imobilmente presos à madeira sólida da cadeira, de modo que absolutamente nenhum movimento dos pés ou dos braços acima do pulso era possível; e tomei nota especial (sem chamar a atenção para isso) do ângulo exato em que duas porções de corda em laço se cruzavam debaixo do antebraço.

Mesmo que fosse possível deslizar o braço desta corda, e depois recolocá-lo, teria sido uma impossibilidade absoluta e completa arranjar

precisamente o mesmo ângulo de cruzamento da corda ali, exceto usando ambas as mãos para o fazer, e sendo capaz de ver claramente enquanto o fazia — e portanto uma impossibilidade absoluta para o próprio médium conseguir, na luz ou na escuridão, ou para qualquer outra pessoa realizar no escuro.

Antes de ser amarrado na cadeira, o seu casaco foi cosido todo pela frente de modo a ficar absolutamente apertado, não podendo de modo algum ser retirado ou recolocado, mesmo que os seus braços estivessem livres, sem desfazer a costura. Examinei a costura e notei formas «armadilhadas» como foi presa e torcida à volta de certos botões que teriam «denunciado» qualquer interferência feita por uma recostura. Após a sessão, demorou alguns minutos a cortar esta costura com tesouras.

O primeiro movimento das trombetas ocorreu instantaneamente ao apagar-se a luz. Por «instantaneamente», quero dizer um intervalo de cerca de um décimo de segundo — julgando esse intervalo mínimo de tempo pela minha experiência como fotógrafo razoavelmente familiarizado com obturadores de câmara acelerados e exposições. Estas trombetas — com cerca de dois pés de altura e duas em número, e abundantemente pintadas com tinta luminosa de modo a nunca se perderem de vista — estavam de pé no chão bem fora do alcance das mãos do médium, onde ele se encontrava sentado.

Primeiro, uma trombeta ergueu-se rapidamente no ar, e depois ambas as trombetas simultaneamente um momento depois. A direção para a qual cada trombeta apontava e o seu ângulo e a posição das extremidades estreitas não iluminadas podiam ser julgados com bastante precisão pelas porções luminosas, devido à forma distinta da tinta luminosa no alumínio.

Ergueram-se verticalmente até as extremidades largas estarem a cerca de três pés do chão, depois inclinaram-se horizontalmente e, na maioria das vezes com as extremidades estreitas viradas para o médium, moveram-se livremente em todas as direções afastando-se dele para distâncias de sete ou oito pés (da parte mais próxima da cadeira do médium às extremidades largas das trombetas, deixando cerca de cinco ou seis pés entre a parte mais próxima da cadeira do médium e a extremidade estreita das trombetas), mas ocasionalmente viravam completamente e moviam-se com igual liberdade com as extremidades largas apontando para ele e as estreitas afastadas dele.

Nenhum dispositivo mecânico da natureza de uma vara ou pinças poderia ter produzido este efeito por qualquer possibilidade humana.

Bateram repetidamente com firmeza nos corpos dos participantes, incluindo o meu, e na própria cabeça e corpo do médium, e mais tarde na sessão ergueram-se à altura total da sala — cerca de doze ou treze pés — batendo contra o teto no meio da sala e contra as paredes a distâncias consideráveis do médium, e por vezes a distâncias tão grandes umas das outras que nenhuma pessoa poderia simultaneamente ter manipulado ambas as trombetas, mesmo que estivesse livre para andar e subir a cadeiras ou algo semelhante.

Repetidamente, o controlo do médium pediu «luz» e, de cada vez, a luz foi acesa instantaneamente e, ao ser acesa, as trombetas desciam com um movimento razoavelmente rápido, mas não tão rápido como um corpo em queda, sem suporte, em direção ao chão, e quando a luz estava acesa as trombetas geralmente estavam a chegar ao chão, mas ainda em movimento, e continuavam a mover-se por um ou dois momentos — uma vez por quase meio minuto — com movimentos suaves, obviamente controlados de forma inteligente, no chão — não rolando nos seus lados curvos, mas «saltitando», por assim dizer, nas suas extremidades largas e planas.

De cada vez que a luz era assim acesa repentinamente, o médium era visto ainda seguramente amarrado com cordas e atado com os nós e o ângulo exato dos laços cruzados de corda tão inalterados que provavam que ele nem sequer se mexera inquietamente como um médium em transe muitas vezes faz, e isto numa fração de segundo de movimentos das trombetas a uma distância do seu corpo que não poderiam ter sido manipulados normalmente a menos que ele estivesse livre das cordas. As suas mãos estavam vazias e não havia possibilidade de ele ter escondido qualquer dispositivo mecânico para mover as trombetas a uma distância.

Duas placas luminosas foram, primeiro separadamente e depois simultaneamente, levitadas da mesma forma que as trombetas, e levitadas para uma posição, uma vez, onde a sua luz brilhava claramente sobre o médium imóvel e desamparadamente amarrado e participantes vizinhos, mostrando a sua completa independência dos corpos do médium e dos participantes. Incidentalmente, as mãos de todos os participantes estavam ligadas ao longo de toda a sessão. Estas placas ou ardósias luminosas caíam planas no chão após cada levitação delas, a distâncias consideráveis (de quatro pés para cima) afastadas da cadeira do médium.

Várias vezes, no momento em que a luz fora apagada novamente, as placas planas de madeira pintadas com tinta luminosa em questão erguiam-se imediatamente do chão de uma forma que não seria possível normalmente sem que alguma pessoa se baixasse ao chão para as apanhar ou usasse pinças ou algum dispositivo semelhante para as alcançar, e quando não houvera tempo nem mesmo para uma pessoa não amarrada ou segura ou restringida ou controlada de qualquer forma fazer tal movimento. Convenci-me de que o menor movimento na ou da sua cadeira, ou da cadeira, mesmo inclinando-a ou tombando-a em qualquer direção, produziria um som claramente distinguível — e nenhum som desses foi ouvido em qualquer momento durante a sessão.

Um pandeiro e alguns sinos foram visivelmente (todos luminosos) e audivelmente levitados e «tocados» a alturas de sete ou oito pés do chão e no centro da sala, seis ou sete pés do médium, flutuando para essa posição de uma mesa perto da cadeira do médium instantaneamente ao apagar-se a luz, e permanecendo em movimento às distâncias mencionadas até ao próprio momento em que a luz era acesa novamente. Isto ocorreu repetidamente, como todos os fenómenos produzidos.

Dois pares de castanholas ou clappers, também luminosos, foram levitados para o centro da sala e para uma altura de cerca de dez pés — quase até ao teto — e durante cerca de três minutos tocaram em tempo e ritmo estrito, muito fortemente, ao ritmo do canto dos participantes. Estes caíram ao chão do «ar» no momento em que a luz foi acesa.

Uma vez, no instante exato em que a luz foi apagada após eu ter examinado a amarração inalterada do médium na sua cadeira, e enquanto as mãos de todos os participantes estavam ligadas, mãos materializadas, absolutamente sólidas, quentes e objetivas, e obviamente «carne viva», bateram na minha testa e faces e repousaram na minha testa e na parte de trás da minha cabeça, ou bateram nos meus ombros e joelhos. Senhoras de ambos os lados de mim relataram o mesmo, e assim fizeram participantes por toda a sala — uma ou duas vezes este fenómeno foi relatado simultaneamente de partes amplamente separadas da sala.

Uma senhora, que conheço muito ligeiramente, mas que sei definitivamente ser uma participante regular e experiente que paga taxas com muitos médiuns quando está em Inglaterra (ela não é inglesa e está muitas vezes no estrangeiro), e que dificilmente pode ser suspeita de conluio, relatou mãos de criança apertando as dela. Como ela estava a ligar

mãos com dois outros participantes (estranhos) na altura, um destes senhores também sentiu as mãos da criança simultaneamente na dele. A criança falou então na voz direta. O seu nome foi dado corretamente e foi aceite como uma materialização probatória da «morta» menina da senhora, que ela declarou nunca se ter manifestado antes e que declarou também não ser conhecida como tendo existido pelo médium ou participantes na sessão.

Dois amigos mortos falaram-me na voz direta através da trombeta. Nenhum deles deu evidência absolutamente discutível de identidade, mas sinto-me satisfeito por os conhecer a ambos. A sua voz e entoação e maneira de falar diferiam uma da outra e ambas do médium de uma forma que para mim era prova absoluta da completa impossibilidade de imitação, e as vozes estavam claramente a poucos centímetros do meu rosto, e não poderiam ter saído dos lábios do médium sem que pelo menos seis pessoas soubessem que ele deixara a cadeira à qual estava amarrado. As mensagens mostraram conhecimento probatório das minhas próprias condições de saúde que não são óbvias e não são de conhecimento público nem, tanto quanto posso dizer, conhecíveis por Webber.

Outra senhora foi falada, a uma distância ainda maior do médium, da mesma forma por um espírito que deu o nome cristão e apelido completos de Phyllis Gunning, que ela aceitou como probatório. Este nome não foi mencionado até um espírito o proferir.

Outros participantes também receberam na voz direta o que aceitaram como boa evidência pessoal. Vozes e sotaques estavam bem diferenciados.

Após o médium ter sido inspecionado e as suas cordas e nós e casaco cosido terem sido examinados em plena luz branca, a luz foi apagada e depois acesa novamente. O médium foi visto ainda apertadamente e seguramente amarrado na sua cadeira, a corda (incluindo o ângulo exato e probatório no qual estes dois laços se cruzavam debaixo de um braço, que o próprio médium não poderia ter visto ou rearranjado mesmo que a corda estivesse solta o suficiente para ele libertar os braços e recolocá-los) inalterada — o seu casaco estava retirado.

A costura do casaco foi examinada e estava inalterada. A luz foi apagada novamente, e ao ser acesa novamente ele usava novamente o casaco, as mangas estando perfeitamente retas e suaves a um grau impossível se os seus braços com o casaco tivessem sido empurrados através dos laços da corda que cortavam apertadamente nos braços através

das mangas do casaco. O tempo levado para o casaco ser recolocado foi aproximadamente de cinco a seis segundos.

Intermitentemente, chuva leve de água fria real e objetiva caiu nos rostos dos participantes.

Finalmente, a mesa que estava ligeiramente atrás e para um lado da cadeira do médium, e em frente à qual duas trombetas, ambas luminosas, estavam de pé, foi levitada para o centro da sala sem obscurecer a visão das duas trombetas luminosas. A mesa teria de ter sido erguida por cima para a trazer ali normalmente. As trombetas nunca se moveram. Para erguer a mesa normalmente da sua posição original para o meio da sala sem derrubar ou esconder as trombetas, teria sido necessário que um homem se levantasse e a erguesse cinco ou seis pés no ar, sobre as cabeças dos participantes sentados.

Em duas horas de fenómenos físicos, não houve uma única coisa que eu não observasse com o escrutínio crítico de um investigador cético — e não houve uma única coisa que não me convencesse de que era, e só poderia ter sido, inteiramente supranormal na sua natureza.

CAPÍTULO VII

RELATO DE UMA SESSÃO POR «CASSANDRA»

(Daily Mirror)

O relato seguinte ocupou a melhor parte das duas páginas centrais do Daily Mirror de 28 de fevereiro de 1939. «Cassandra» é o pseudónimo de um senhor no staff do Daily Mirror que escreve uma revisão diária pertinente sobre assuntos em geral. É bem conhecido pelo seu sarcasmo críptico e mordaz, e, em várias ocasiões, deu vazão plena à sua oposição ao espiritualismo.

A sessão em questão foi realizada no Norte de Londres num lugar onde o médium nunca estivera antes, e as pessoas presentes eram completos estranhos. O Sr. Leon Isaacs fora pedido para tirar fotografias infravermelhas. Surgiu o problema dos meios de transportar o equipamento, e como «Cassandra» tinha um carro, foi-lhe pedido para ajudar dessa forma. Assim, a única razão pela qual Cassandra esteve presente foi porque possuía um carro.

O artigo foi ilustrado por uma fotografia (Placa n.º 20), com a seguinte descrição por baixo: «O médium em transe, amarrado à cadeira, enquanto uma mesa deixa o chão e livros voam pelo ar... uma fotografia tirada durante a sessão assistida por 'Cassandra.'»

O título era «'Cassandra' Teve uma Surpresa numa Sessão», e o seu relato, no seu estilo cáustico, lê-se da seguinte forma: «Reivindico que posso trazer tanto ceticismo para o espiritualismo como qualquer escritor de jornal vivo, e isso é uma carga poderosa de ceticismo nos dias de hoje.

Não tenho uma mente aberta sobre o assunto — sou um descrente violento e preconceituoso com uma capacidade ilimitada de trocar do desconhecido. Pelo menos, era até ao último sábado. E então recebi um choque rápido, agudo e feio que abalou a maioria dos meus troços favoritos diretamente dos seus encaixes. Imaginem uma pequena sala numa casa suburbana típica. Num canto, um rádio-gramofone.

No centro, um círculo de cadeiras. No extremo oposto, uma cadeira de braços. Cerca de uma dúzia de pessoas entraram e sentaram-se no círculo. Espero que não se importem que eu o diga, mas impressionaram-me como uma coleção crédula que teria trazido lágrimas de alegria aos olhos de um vendedor de ações. Quase todos um cliente genuíno para um lindo tijolo de ouro falso. Sentaram-se e o médium, um jovem ex-mineiro galês, foi então amarrado com cordas à cadeira de braços. O fotógrafo e eu ficámos fora do círculo.

As luzes apagaram-se e navegámos rapidamente para o desconhecido. O médium gorgolejou como água a sair de uma banheira, e abrimos com uma oração estrangulada. O círculo de crentes respondeu com 'All Hail the Power of Jesu's Name', e foi-me dito que estávamos 'à beira'. Pensei que estávamos em Cockfosters, Herts, mas em breve comecei a duvidar quando trombetas pintadas com tinta luminosa dispararam pela sala como peixes num tanque. Pairaram como lúcios num riacho, e depois nadaram lentamente à volta. O médium ressonou e lutou pela respiração. Hinos, Trombetas. Alguém pôs um disco, e em breve estávamos a berrar 'Daisy, Daisy, give me your answer, do.'

Os trompetes marcavam o tempo e atiravam-se contra o "teto". Uma campainha tocou. Houve uma considerável gargalhada excitada, e num leve histerismo cantámos: "Há uma colina verde ao longe", seguido pela virilidade profana e secular de "O corpo de John Brown". Um tamborim com "Deus é Amor" escrito nele tornou-se altamente irracional e voou

ruidosamente à volta das nossas cabeças. A respiração áspera e estertorosa do médium continuou, e um leve som de batidas anunciou uma voz que falava de um dos trompetes que estava bem à deriva das suas amarrações. Uma voz fraca e infantil disse, com uma voz de profunda melancolia, que estava "Muito, muito feliz". Mais vozes falaram. Água foi salpicada (não havia nenhuma na sala quando começámos) e livros descolaram das suas prateleiras. "A mesa moveu-se." O médium permaneceu amarrado à sua cadeira. "Um comboio de corda correu pelo chão.

De repente, uma mesa pesada deixou lentamente o chão. O homem que estava sentado ao lado dela disse calmamente: 'A mesa desapareceu!' O fotógrafo disparou o seu flash — veem o resultado à direita. Em nenhum momento o médium se moveu da sua cadeira. Juro-o. A mesa aterrou com um estrondo no meio do círculo. Um livro que estava sobre ela permaneceu na posição.

Apostaria a minha palavra em como ninguém na sala a tocou. Era tão pesada que precisava de um sujeito bem robusto para a levantar. Senti o peso dela depois. Que preço o cinismo? Que preço a heresia? "Não me perguntem o que tudo isto significa, mas não me podem dizer agora que estas coisas estranhas e bastante aterrorizadoras não acontecem. "Eu estava lá. Eu vi-as. Fui para trocar. Mas o riso está a deslizar lentamente para o outro lado da minha cara." (Assinado) 'Cassandra.' "

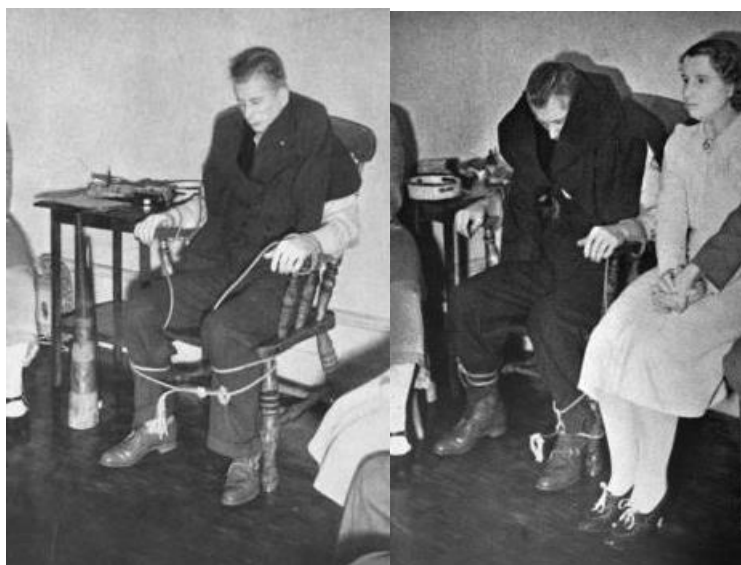
CAPÍTULO VIII

A REMOÇÃO E REPOSIÇÃO DO CASACO

Uma proeza fenomenal frequentemente realizada em sessões é a remoção e reposição do casaco do médium, enquanto o médium está desamparadamente amarrado à sua cadeira. A preparação preliminar para esta ocorrência pode variar de duas maneiras. Um pedaço de algodão fino, cuja resistência à rutura é muito ligeira, ata o botão superior do casaco à casa do botão. Qualquer ligeira tensão neste algodão fá-lo-ia partir-se. Em alternativa, os dois lados do casaco são cosidos ao longo da frente, apertados ao corpo, estendendo-se desde as lapelas do casaco até à saia.

Pode ser usado ponto decorativo e o algodão pode ser atado e amarrado à volta de cada botão. Por vezes, o casaco tem sido cosido tão alto até ao pescoço que só foi deixado um orifício de seis polegadas de diâmetro. O médium é então preso à poltrona como anteriormente descrito.

No início da sessão, imediatamente após alguns dos outros fenômenos, como a levitação de artigos, os membros do círculo sentados de cada lado do médium são convidados pelo Guia a segurar as mãos do médium. Então, dentro de um ou dois segundos, ouve-se o casaco a cair, seja atirado para o chão ou para o colo de um participante. Imediatamente após isto, vem o pedido de "Luz!" Não há qualquer atraso entre a queda do casaco e o acender da luz. A luz mostra as mãos do médium amarrado ainda seguras pelos participantes. O casaco é examinado e não há a mais ligeira variação na costura. Conceber o casaco a ser descosido, removido e depois recosido é uma impossibilidade fantástica.



As Pranchas 3 e 4 mostram o casaco parcialmente removido. Ver-se-á que, enquanto a cabeça e os ombros ainda estão dentro do casaco, os braços estão fora das mangas. Ao tentar reproduzir esta condição normalmente, não se conseguiu evitar uma considerável acumulação do casaco nos ombros. Nas fotografias, deve ser notada a ausência total de acumulação. Vários outros fatores devem ser tidos em conta ao considerar estas imagens: em primeiro lugar, que quando o casaco foi descartado, a amarração nos braços do médium não varia nem a mais pequena fração; em segundo lugar, o fator tempo entre a ação e a luz imediata; e em terceiro lugar, não há som de movimento durante a remoção do casaco.



A Prancha N.º 5 mostra o casaco inteiramente removido do corpo e pronto para ser descartado. Notar-se-á nestas fotografias que o cabelo do médium está imperturbado, e isso é invariável.



A Prancha N.º 6 mostra o casaco descartado enquanto as mãos do médium estão presas. (O senhor que segura a mão do médium é o Sr. Harold Sharpe, o conhecido médium na cuja sala de sessões a reunião teve lugar.)

As Pranchas N.ºs 8 e 9 mostram o método pelo qual o casaco é removido por desmaterialização.

O emblema da União Nacional dos Espiritistas pode ser visto na lapela. Se um artigo for deixado no bolso do casaco, especialmente cartas, estes são encontrados aos pés do médium quando o casaco foi removido, devido ao artigo não ter sido desmaterializado. Esta fotografia é tratada de forma mais extensa no capítulo "A Cabeça Astral".



Um relatório do Sr. A. J. Case, Presidente da Sociedade de Pesquisa de Cambridge, publicado no *Psychic News* a 12 de agosto de 1939, testemunha a condição desmaterializada do casaco em trânsito de e para o corpo. O Sr. Case escreve: "Uma das coisas mais desconcertantes foi a remoção e reposição do casaco de Jack Webber enquanto as suas mãos eram seguras de cada lado. Enquanto segurava a sua mão, senti uma substância quase como uma teia de aranha no meu pulso, que parecia tornar-se mais sólida até assumir a consistência de tecido. Parecia não ter peso. Após alguns segundos, deslizou suavemente para o chão. A luz acendeu-se instantaneamente, e lá estava o médium sem o seu casaco. Tanto o casaco como as cordas foram examinados e as costuras e os nós encontrados intactos como antes."

"O Deão do Trinity College disse depois que, de onde quer que viesse o poder, estava bastante satisfeito de que o truque fosse impossível." O Príncipe Deo e o seu amigo, que tinham tido considerável experiência do oculto na Índia, disseram que "a fraude estava fora de questão." (*Psychic News*, 12 de agosto de 1939.) O casaco é colocado no chão algures perto do médium (a seis a oito pés de distância).

O Guia pedirá novamente a dois participantes para segurarem as mãos do médium, e diz que vai tentar repor o casaco. Os participantes que seguram as mãos sentem frequentemente o casaco, livre do corpo, a ser levantado preparatoriamente à sua reposição. Dentro de muito poucos segundos vem o pedido de luz, quando o casaco é visto de volta no corpo do médium sob as cordas. A costura e a amarração são novamente examinadas, e verifica-se que são precisamente as mesmas que foram

originalmente atadas. O fator tempo é novamente importante; —como regra, apenas cinco segundos entre o casaco ser sentido livre do corpo e a luz mostrar a sua reposição.

Há dois itens que devem ser mencionados. O primeiro é que durante o tempo em que o casaco esteve fora do corpo, os braços incharam de tal modo que as cordas estão a pressionar firmemente na carne. O autor, com outros, foi convidado a notar o aperto e tentou mover as cordas uma fração, mas tão apertadas estavam que qualquer movimento delas não era possível. Inserir uma manga de casaco sob as cordas era quase uma impossibilidade e só poderia ter sido normalmente conseguido após uma luta muito longa —se fosse possível de todo.

Em segundo lugar, quando o casaco foi devolvido sob estas cordas muito apertadas, não há qualquer enrugamento ou acumulação das mangas. O capítulo sobre "A Prisão do Médium" trata deste fenómeno, quando o algodão foi atado e dado nós à volta dos botões dos punhos do casaco do médium. A primeira vez que este fenómeno foi fotografado (a técnica de segurar as mãos do médium foi desenvolvida desde então) o Sr. Maurice Barbanell, o Editor do *Psychic News*, estava presente, e ao relatar o incidente escreveu: "Estas fotografias são um desafio à ciência materialista, pois demonstram o que é considerado o 'impossível'. A remoção de um casaco através de cordas —isto significa que ou o casaco ou as cordas se desmaterializaram para permitir que a matéria passasse através da matéria . . . prova a existência de uma lei psíquica que os materialistas se recusam a aceitar. Jack Webber, um 'médium físico', foi seguramente amarrado à sua cadeira, os nós sendo enfiados com algodão preto que normalmente se partiria se fosse interferido.

Algodão preto foi também atado à volta de um botão e dado nós através de uma casa de botão do seu casaco, de modo que o mais ligeiro movimento da sua parte os teria partido. No entanto, todos estes nós e fios estavam intactos no final da sessão. A remoção do casaco e a sua reaparição na posição original não poderia ter sido feita pelo médium. Nenhum dos participantes foi responsável, pois todos estavam controlados, todos ligando as mãos aos vizinhos. A proeza foi realizada por uma inteligência invisível. De quem era?

"A prestidigitação está fora de questão. Nenhum mágico poderia ter emulado este acontecimento, nas mesmas condições, nem à velocidade com que foi realizado —três segundos para a remoção do casaco, e seis

segundos para a sua reposição. A fraude está fora de questão." Os seguintes excertos são retirados de um artigo publicado na Light (páginas 427-428, 1939), escrito pelo Sr. B. Abdy Collins, CLE., bem conhecido pelos seus livros e escritos sobre investigação psíquica. "... Desejo chamar a atenção para um fenómeno que está completamente numa classe à parte e não pode ser explicado; são explicados por aqueles que aceitam os factos, como causados por hastes psíquicas ou caixas de voz emanando do médium e dirigidas pela sua mente subconsciente.

O fenómeno a que me refiro é a remoção e reposição do casaco do Sr. Webber. Para que a sua importância seja claramente apreciada, descreverei pormenorizadamente as condições. O Sr. Webber usa um casaco de lounge preto justo e comum, que é cosido ao longo da frente com uma agulha e fio grosso por um dos participantes. Ele senta-se então numa poltrona na qual é seguramente amarrado. O meio de um longo pedaço de corda é preso às costas da cadeira e os braços do Sr. Webber são apertadamente amarrados aos braços e as suas pernas às pernas da cadeira. Isto é efetuado por dois participantes, cada um pegando numa extremidade da corda e enrolando-a à volta e à volta dos seus membros e do braço e perna da cadeira, prendendo-a com nós aqui e ali e finalmente juntando as extremidades da corda, quando são cosidas e seladas em vários lugares. . . . "As duas pessoas sentadas de cada lado dele são então convidadas a agarrar cada uma das suas mãos. 'Nuvem Negra', o alegado Guia, falando através do médium, anuncia então que o casaco será removido, e a luz é desligada. Em muito pouco tempo, pede novamente que a luz seja ligada, e lá está o Sr. Webber sentado amarrado na sua cadeira como antes, mas o seu casaco foi removido com as costuras da frente intactas.

Pode estar deitado nos joelhos do médium ou no colo de um dos participantes. Após qualquer exame que os participantes desejem, 'Nuvem Negra' anuncia que vai repor o casaco, os dois participantes agarram as mãos do médium e a luz é desligada. Muito em breve, 'Nuvem Negra' pede luz e o Sr. Webber é encontrado sentado na cadeira, as suas mãos ainda seguras, e o casaco nele novamente como estava no início. Os factos são indubitáveis. Foram 'testemunhados', se essa for a palavra apropriada, por muitas centenas de pessoas. Eu próprio 'vi' duas vezes o casaco removido desta forma e uma vez 'vi' a sua reposição.

O casaco é removido enquanto as mãos do Sr. Webber são seguras, os seus braços estão apertadamente amarrados aos braços da cadeira e a frente

do casaco está bem cosida junta. Não é um truque de prestidigitação. Como é feito? A única explicação parece ser que o casaco é 'desmaterializado' de alguma forma, ou então que a matéria representada pelo casaco passa através da matéria representada pelo Sr. Webber. De qualquer modo, este é um fenómeno que não pode ser explicado por hastes psíquicas invisíveis, ou 'pseudópodos'. Apports trazidos para uma sala fechada foram explicados de forma muito semelhante à que sugeri, mas os nossos cétricos ultrapassam isto simplesmente negando que qualquer caso de apport esteja devidamente substanciado.

Aqui não podem negar os factos. Se se recusarem a aceitar o testemunho de outros, podem facilmente verificar os factos eles próprios. Que explicação podem oferecer? Nada os induzirá a aceitar a hipótese espiritista, então pelo menos devem admitir que alguma força desconhecida remove de alguma forma o casaco. O mundo científico terá finalmente de concordar que há fenómenos que não são regidos por leis físicas, e que há algo para além do mundo material, até agora desconhecido.

Para mim, parece menos absurdo atribuir estas atividades a 'espíritos' do que tentar explicá-las pelas atividades da mente subconsciente do médium. A última hipótese parece não nos levar a lado nenhum. Não explica como o casaco é removido e repostado. Precisamos de uma inteligência com um conhecimento e capacidade que é mais do que humana. . . ." Este fenómeno é também testemunhado em outras descrições de sessões.



Adenda. Março de 1940. Prancha N.º 7. Esta fotografia foi obtida a 28 de fevereiro, doze dias antes do falecimento do Sr. Webber, e foi a última obtida. As primeiras fotografias obtidas lidavam com o fenómeno do casaco, e a última lida com o mesmo assunto, fornecendo uma imagem

misteriosa que só pode ser descrita como "impossível". Durante alguns meses, o trabalho no círculo de desenvolvimento tinha sido dirigido para a manifestação de formas materializadas em luz vermelha e a remoção do casaco e as formas mais gerais dos fenómenos físicos não tinham sido encorajadas. Nenhum outro aparelho foi trazido para o círculo exceto o trompete e as placas luminosas.

O casaco não foi cosido, e não tinha sido interferido durante um tempo considerável. A amarração era sempre empregada. Durante a sessão veio o pedido para fotografia, e após a exposição ter sido feita, o Guia disse que mostraria o casaco com as mangas sob as cordas, enquanto outras partes do casaco tinham sido "removidas". A fotografia mostra uma posição que é impossível de reproduzir, mesmo normalmente, com um casaco. Os membros do círculo passaram algum tempo a tentar reproduzir normalmente o que a fotografia mostra, e um convite geral é estendido ao público para a reproduzir.

O exame da fotografia sob ampliação mostra que o padrão e a textura do casaco são idênticos em toda a parte. Observar-se-á que as mangas do casaco estão nos braços sob as cordas, os ombros e as lapelas do casaco estão na sua posição apropriada, mas as costas do casaco estão drapeadas através da frente do corpo. O autor afirma mais definitivamente que o Sr. Webber tinha apenas um fato deste padrão, que apenas um casaco estava presente na sessão, e que era impossível um segundo casaco de um padrão e textura tão precisos estar na sala.

Antes de o autor ter tempo de mudar as placas e a lâmpada, veio um pedido para uma segunda fotografia. Como o aparelho não estava pronto, esta foi perdida. Imediatamente após isto, o casaco caiu para o chão, a luz branca foi acesa, e o casaco foi examinado. Estava bastante normal. A única forma possível pela qual a posição retratada nesta notável fotografia pode ser normalmente reproduzida é com dois casacos ou material extra.

Com dois casacos há tanta acumulação que uma reprodução se torna uma caricatura da fotografia. Há uma explicação lógica de como esta proeza foi realizada. Para o casaco ser mostrado como fotografado, deve estar em duas partes, e a sugestão é feita de que, usando o processo de desmaterialização, o Guia separou a parte de trás do casaco do colarinho para baixo, e reformou-a na posição mostrada.

Ao discutir a fotografia com o Sr. Webber, ele apresentou a tese de que a parte de trás do casaco foi primeiro desmaterializada e trazida através

do corpo (como um apport é produzido através do corpo) e rematerializada à sua frente. Embora ninguém possa falar com autoridade quanto ao método preciso empregado pelo Guia, o autor sugere que a tese anterior é apoiada pelo pedaço de tecido pendurado abaixo do abdómen, que pode ser a parte superior das costas do casaco onde se junta ao colarinho, especialmente porque nesta porção o forro e uma costura, consistentes com esta teoria, são mostrados.

Nas tentativas de reproduzir normalmente esta posição, uma segunda pessoa para drapear o casaco era essencial, e a experiência ocupou algum espaço de tempo considerável, com ruído associado. Para o médium reproduzir normalmente a posição de uma condição amarrada e regressar a uma condição amarrada seria absolutamente impossível. Se o truque for contemplado, todas as pessoas presentes devem ter estado implicadas, uma vez que a convivência seria impossível sem o conhecimento de todos os participantes.

Numa fotografia subsequente tirada mais tarde no final da sessão, a amarração foi retratada precisamente, mesmo até ao cruzamento das cordas, etc., como mostrado nesta imagem. Assim, estamos perante uma fotografia de uma posição, impossível de reproduzir, que deve ter requerido poderes supernormais para além da capacidade humana.

CAPÍTULO IX

O PROCESSO DE APORTAR OBJETOS

APENAS numa ocasião o processo de aportar objetos foi fotografado. Apenas em raras ocasiões objetos foram aportados através da mediunidade do Sr. Webber. A seguir, apresenta-se a narrativa dos eventos que levaram à obtenção das fotografias referidas. A ocasião foi uma sessão pública, na qual estavam presentes cerca de oito membros do Templo da Verdade, em Paddington, a 8 de novembro de 1938. A descrição citada a seguir foi assinada como uma descrição precisa do incidente pelo Sr. James Sing, Presidente do Templo da Verdade.

Relato do incidente na sessão com o Sr. Jack Webber a 8 de novembro de 1938 Conversa entre Paddy, o controlo infantil, e o Presidente, Harry Edwards: Paddy. «Gostaria de trazer algo para esta sala para mostrar que podemos trazer objetos através de paredes e portas.» Pres. «Ficaremos contentes se tentares fazer isso.» Paddy. «Vou ver o que consigo

encontrar.» (Alguns minutos depois) Paddy. «Na sala ao lado há um pássaro com pernas longas.» Pres. «Sim, eu sei, é um pássaro chamado grou, e é feito de latão.» Paddy. «Vou tentar trazê-lo. Tem de passar pelo corpo do médium.» (Alguns minutos depois — uma câmara estava pronta para tirar a fotografia.) Guia (Nuvem Negra). «Tira a fotografia.» (Enquanto isso era feito, um objeto caiu no chão.)

Guia. «Acende a luz.» (Quando isso foi feito, descobriu-se que o pássaro de latão tinha sido trazido da sala ao lado e estava no chão.) Guia. «Se a fotografia tiver sido tirada corretamente, mostrará o pássaro a passar do corpo do médium em ectoplasma.» Todas as janelas e portas estavam trancadas e nunca foram abertas. Assinado como uma descrição precisa do incidente. James Sing, Presidente, Templo da Verdade, Paddington. São impressas três fotografias (Placas 10, 11 e 33). A 10 mostra toda a imagem tal como foi tirada. O pássaro e o ectoplasma podem ser vistos perto do plexo solar do médium. A 11 é um aumento da área em questão. Na 36 há uma imagem do pássaro aportado.



Notar-se-á que este evento foi produzido de acordo com um plano anunciado previamente. Primeiro, por Paddy, que disse aos participantes o que se pretendia, e que foi secundado por Nuvem Negra, que previu o que estaria na placa fotográfica antes de ser revelada. Aqui há evidência sinal de inteligências externas operando leis desconhecidas para os seres humanos.



O ornamento de latão tem três polegadas e três quartos de altura e pesa duas onças. Este objeto passou definitivamente através da parede e/ou

porta de uma sala para outra. Para conseguir isso, o ornamento deve ter sido tornado num estado desmaterializado de uma vibração tão alta que passaria através de obstáculos sólidos como o som passa através de uma parede de tijolos. Neste estado, passou pelo corpo do médium e rematerializou-se ao emergir.



O estado ectoplásmico na emergência é, sem dúvida, um fator essencial para a rematerialização, como é necessário para todas as formas de materializações. Este processo, demonstrando que os objetos aportados têm de vir via corpo do médium, é consistente com o procedimento habitual dos médiuns de aportes, que são capazes de produzir aportes, usando uma trombeta para a sua entrega. A trombeta está ligada ao médium por um braço ectoplásmico como na Placa 12. O aporte no seu estado desmaterializado viaja via corpo do médium ao longo do braço ectoplásmico para a boca da trombeta, onde é materializado; a trombeta atuando como um conservador ou retentor para a força ectoplásmica e o ato de materialização.



Numa ocasião posterior, o aporte de dois objetos foi testemunhado em luz vermelha. Durante algumas horas antes de uma sessão quando aportes podem ocorrer, o Sr. Webber sente um aperto no abdômen e,

portanto, é capaz, por vezes, de saber o que se pretende. Na ocasião referida, ele teve estes sintomas, e por isso convidou a uma busca à sua pessoa, que foi realizada por um membro do círculo (Sr. S. Croft), um membro da Polícia Metropolitana, na sala de sessão perante todos os participantes, imediatamente antes de se sentar para a amarração. Ele não deixou a presença dos participantes, mas sentou-se imediatamente para a amarração.

A luz vermelha estava acesa, suficientemente brilhante para todos verem o médium com os braços amarrados à cadeira. As trombetas estavam em levitação — também claramente discerníveis na luz vermelha — uma delas virou-se, apresentando a sua grande abertura à região do plexo solar e ouviu-se um objeto cair para dentro dela. Depois veio para o autor que foi pedido para retirar da trombeta o artigo dentro dela — um ornamento egípcio. (Ver Placa 36). Após um ou dois minutos, a trombeta viajou novamente para o plexo solar e outro objeto foi ouvido cair para dentro dela. Este também foi retirado da trombeta pelo participante a quem foi apresentado (Sr. S. Croft). Ver Placa 36, neste caso, um Buda de pedra. Ver-se-á pelas fotografias que o tamanho dos objetos não poderia ter sido escondido de um pesquisador experiente.



Além disso, todas as onze pessoas presentes viram o médium amarrado à cadeira e a trombeta que um segundo antes tinha estado em levitação muito violenta mover-se para o corpo do médium, quando o artigo foi ouvido cair para a trombeta. O ectoplasma não foi visto no momento da emergência destes dois objetos. Isto é facilmente compreensível, uma vez que o processo estava a ser executado em luz vermelha e o ectoplasma está na sua forma mais forte ou vibração mais alta quando invisível. A Placa 36 também mostra um aporte produzido na semana anterior ao incidente acima, mas este foi produzido na escuridão, e preso diretamente no vestido da senhora a quem foi dado (Sra. G. Layton).

Em sessões noutros lugares, aportes são ocasionalmente produzidos. Numa ocasião, uma moeda comemorando o ano de 1915 num Estado americano.

O recipiente (Sr. Gordon Grahame) disse que tinha estado nesse Estado nesse ano em particular. Na mesma sessão, uma senhora recebeu um crucifixo que lhe tinha sido informado, por outro médium, que lhe seria dado. É um facto pertinente que o Sr. Webber deu esta sessão com poucas horas de aviso. Ele e o autor foram convidados para assistir a uma sessão com outro médium em Luton quando este médium telegrafou que não poderia estar presente devido a doença.

O organizador, Sr. Gordon Grahame, telefonou ao Sr. Webber para perguntar se ele se sentaria, de modo que nesta ocasião não poderia haver qualquer ação preconcebida da parte do Sr. Webber, e a senhora que recebeu o crucifixo veio de Bedford — uma completa estranha tanto para o Sr. Grahame como para o Sr. Webber.

CAPÍTULO X

A CABEÇA ASTRAL

ESTA fotografia é uma das mais notáveis até agora obtidas, pois aqui foi fotografada pela primeira vez, e fisicamente, uma cabeça astral ou espiritual. O fotógrafo (Sr. W. J. Clayton) não era um espiritualista, e a única razão pela qual esteve presente na sessão foi possuir uma câmara. Esta câmara era do tipo caixa e fixada a um tripé comum embora algo instável. Esta fotografia é tão importante que se considera a possibilidade de erro da parte do fotógrafo ou cumplicidade da parte do médium. A questão de uma dupla exposição é excluída pela precisão dos participantes assim como do corpo do médium.

Deve ter-se em mente que um período de vários minutos, com a luz branca acesa, ocorreu entre cada exposição (a lâmpada de flash tinha de ser mudada e as placas retiradas e novas placas inseridas). O estado instável do suporte do fotógrafo foi também um item que teria impedido tal precisão se tivesse sido uma fotografia dupla. Não é credível que um participante pudesse tão precisamente reter ou retomar uma postura tão fotograficamente exata. A fotografia foi tirada a uma velocidade de exposição de um quinquagésimo de segundo, por flash sashalite.

O conhecimento do número de exposições feitas e o registo nas outras placas na câmara, impede que a teoria de dupla exposição permaneça

sustentável. Se fosse possível para o médium registrar estas duas impressões distintas, teria de o ter feito dentro de uma fração do quinquagésimo de segundo de exposição sem movimento, deixando cada imagem registrar precisamente na placa. Também teria de ter julgado a mudança da sua expressão para coincidir com a precisa quinquagésima parte de um segundo durante a qual o flash ocorreu — uma façanha obviamente impossível. Assim, não pode haver outra conclusão senão que as duas faces estavam em existência física simultaneamente durante a exposição.

O Guia disse que a face exterior é «a face espiritual». É impossível sugerir qualquer outra declaração razoada sobre o que a face exterior pode ser, e portanto permanece que esta deve ser o contrapartida astral ou espiritual do médium. Um exame adicional da fotografia apoia esta visão. A face interior não é a face normal do Sr. Webber, mas mostra uma transfiguração pelo Guia, uma tese sustentável quando o corpo astral está fora do corpo físico e o Guia está no controlo. A face exterior é uma face perfeita, desprovida de expressão. Deve notar-se como o queixo da face astral para curto onde encontra a lapela do casaco, mostrando a harmonia de densidade entre o casaco desmaterializado e a face astral. O alinhamento das duas faces é preciso, mas enquanto se pode ver que os olhos e a boca estão alinhados, as orelhas não estão, o que indica que um movimento rotativo é necessário para uma cabeça se juntar à outra.

Este movimento rotativo fornece evidência de que as duas cabeças são tridimensionais, isto é, não é uma face sobreposta sobre a outra, e é evidência adicional de que a imagem não é o resultado de uma dupla exposição. Não há uma cabeça física em existência. A parte traseira da cabeça interior está num estado de desmaterialização parcial, como se vê pela sua transparência. A parte mais escura dentro das duas cabeças é onde as duas cabeças se fundem, trazendo a densidade total das duas cabeças à normalidade. A cabeça astral possui largura, como evidenciado onde o fio de cabelo na cabeça astral é mostrado sobre o cabelo da cabeça interior. Isto pode ser mais facilmente compreendido se o movimento rotativo da fusão de uma cabeça sobre a outra for tido em conta.

Esta fotografia foi obtida principalmente para ilustrar o estado desmaterializado do casaco quando sendo removido ou restaurado ao corpo do médium. (Ver capítulo VIII: «A Remoção e Reposição do Casaco.») Fornece prova da tese defendida pelos espiritualistas de que cada pessoa possui, enquanto na condição física, um corpo astral, que deixa a carne no

momento da morte física, para continuar numa esfera de atividade «espiritual». Desde que esta fotografia foi tirada, houve incidentes adicionais no círculo de desenvolvimento do Sr. Webber que confirmam a capacidade dos Guias para desmaterializar o corpo físico. O primeiro incidente ocorreu numa boa luz vermelha, quando a cabeça, mãos e braços do médium foram vistos ter desaparecido.

Os participantes próximos foram capazes de olhar para dentro da cavidade formada pela parte do pescoço da roupa e apenas um vazio negro foi observado. A Sra. Webber, que se sentou perto do médium nesta ocasião, ficou algo alarmada com a condição do médium. Numa noite subsequente, numa luz vermelha mais fraca, não suficiente para ver o médium tão claramente como na ocasião acima, o Rev. Maurice Elliott e o Sr. Byerley de The Link, que estavam presentes, foram convidados pelo Guia para sentir o espaço onde as mãos e braços do médium deviam estar amarrados à cadeira.

Eles não estavam lá e o Rev. Maurice Elliott deslizou a sua mão para cima dentro de uma das mangas do casaco do médium, mas não conseguiu sentir nenhum braço lá. Depois as mãos e braços do médium retornaram quase instantaneamente. Este capítulo é um recital de factos sem elaboração; muito poderia ser escrito sobre as implicações desta fotografia, e a importância de ser capaz de fornecer uma fotografia física do corpo espiritual.

CAPÍTULO XI

LEVITAÇÃO DO MÉDIUM

PARTE da demonstração de poder psíquico dada em sessões é a levitação do médium — que está amarrado à sua cadeira durante todo o tempo — do lugar onde está sentado para outra parte da sala ou salão. Várias tentativas foram feitas para fotografar este fenómeno, mas sem sucesso evidencial. O processo envolve o levantamento do médium com a sua cadeira para o ar, onde muitas vezes fica por um número de minutos, e depois depositá-lo num lugar tão longe da sua posição original quanto a sala ou salão permite. Por vezes durante tal levitação os pés do médium são sentidos a viajar à volta nas cabeças dos participantes.

Quando houve alguma luz presente, tal como um ponto luminoso na parede ou talvez onde houve uma emergência fraca de luz através de uma

cortina, o corpo na cadeira foi visto em suspensão. Em ocasiões em salões onde o teto é alto, não só é claro pelo som da voz que o médium está lá em cima, mas evidência é fornecida da levitação pelo movimento de acessórios de luz que só poderiam ser alcançados com uma escada. Além disso, quando a mesa foi previamente levitada para fora para a sala, o médium é depositado com apenas a menor margem de espaço entre a mesa e os participantes para poupar.

Este fenómeno geralmente ocorre no final da sessão quando o espaço no chão antes do médium está ocupado com trombetas luminosas e outros objetos, estes excluindo qualquer possibilidade do médium tentar contorcer a cadeira e a si mesmo de uma posição para outra. A seguir, um extrato de uma carta lidando com a levitação do médium, publicada no *Two Worlds*, a 24 de fevereiro de 1939, pelo Sr. J. W. Byerley, Presidente de The Link: «... Vinte e quatro participantes estavam à volta das paredes; luz branca acesa; Webber seguramente amarrado na sua cadeira; mesa de três pés e seis polegadas obliquamente através do centro do círculo, deixando apenas uma passagem estreita entre os participantes; trombeta luminosa no chão aos pés dos participantes, meia-direita inclinada para mim. Luzes apagadas — os meus olhos estavam na trombeta. Se o médium passasse entre o nível dos meus olhos e o chão, apagaria a trombeta.

Ele não passou; nenhum som do médium a mover-se (eu estava sentado ao lado mas um). Voz do controlo ouvida do teto; bem à minha esquerda um solavanco gentil no chão. Luz acesa» — médium ainda bem amarrado. Indiscutivelmente, é possível para o médium contorcer-se através do círculo enquanto amarrado na sua cadeira, mas para fazer isso nas condições prevaletentes, teria de vir para a frente dois pés, virar para a direita três ou quatro pés, e depois passar entre a mesa e os participantes, o que não poderia ser feito sem bater na mesa ou nos participantes, e não houve som de uma cadeira em movimento. A distância total que teria de cobrir seria quinze pés, uma impossibilidade absoluta em poucos segundos sem ruído. ...»



Muitas vezes marcas do cabelo do médium (da preparação capilar que usa) são vistas no teto. A Placa 25 ilustra um acontecimento invulgar. Foi feita uma tentativa para fotografar a levitação, quando por algum meio o poder necessário para levantar o médium foi invertido. Ouviu-se o som da cadeira a descer, e depois um ranger e estalar continuado de volume considerável. Quando a luz foi acesa, o médium foi encontrado amarrado aos destroços da cadeira.

A cadeira Windsor que ele ocupava era muito fortemente construída. O assento tinha uma polegada e um quarto de espessura e este foi quebrado ao meio em dois lugares enquanto as pernas da cadeira foram forçadas para fora, assim como os apoios, e o apoio de braços foi quebrado afastado das costas. A fotografia tirada no momento da quebra mostra claramente o que está a ocorrer. Por favor, note a ausência total de tensão ou esforço no corpo do médium.

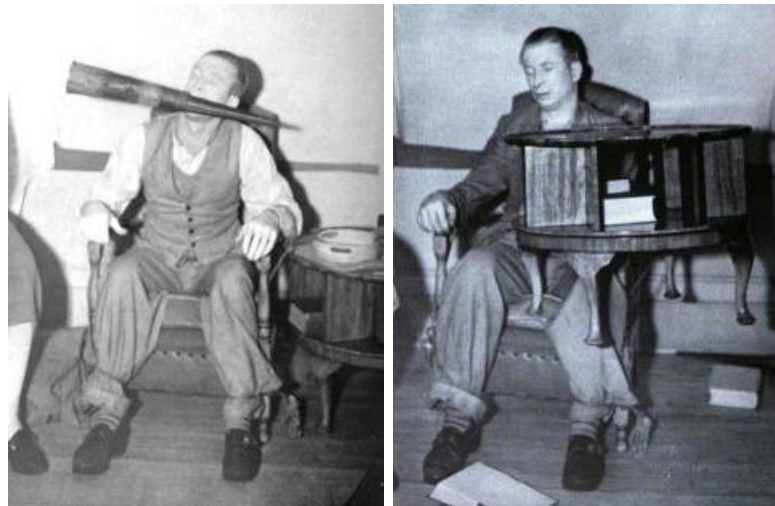
Vale a pena considerar a quantidade de força necessária para quebrar uma cadeira tão completamente. É duvidoso que um homem muito forte pudesse, ao levantá-la e depois esmigalhá-la para baixo, quebrá-la como descrito. Lembre-se de que o médium (como fotografado no momento da quebra da cadeira) está numa condição amarrada, excluindo, é claro, qualquer tal conluio. Esta fotografia é indicativa das forças tremendas trazidas à existência pelos operadores espirituais. Adenda. Março de 1940. A 26 de fevereiro, numa sessão dada no Instituto Internacional para Investigação Psíquica, ocorreu levitação.

Ao descer, uma das pernas traseiras da poltrona na qual o médium estava amarrado foi colocada através de um apoio transversal da mesa, que previamente tinha sido levitada para o lado oposto do círculo — outra façanha humana impossível, na escuridão total, sem ruído, e provando definitivamente que o médium na sua cadeira tinha estado suspenso no ar.

CAPÍTULO XII

LEVITAÇÃO DA MESA

ESTAS fotografias mostram mesas em levitação. Em cada caso, as mesas estão bem à frente do médium, embora devido ao foco frontal pareçam estar mais perto do médium do que realmente estão. A mesa na Placa 23 pesa mais de 45 lb., e era muito altamente polida. «Cassandra» refere-se a este incidente na sua descrição da sessão como requerendo um homem robusto para a levantar. Se esta mesa estivesse a repousar na almofada, mostraria marcas de indentação. A comparação da almofada na qual o médium está sentado, com a da Placa 21, mostra que a almofada está deprimida.



Este registo atesta a teoria do Professor Crawford de que o peso levitado é devolvido através do médium. A Placa 24 mostra a mesa em levitação à frente do Sr. Bernard Gray do Sunday Pictorial (a razão pela qual o Sr. Gray é visto agachado é que a mesa um momento antes tinha estado a dançar na sua cabeça e ombros). Noutras ocasiões, enquanto a mesa está levitada alto no ar, uma trombeta também se eleva e bate na mesa à volta, para demonstrar que a mesa está de facto a flutuar no ar.

Adenda. Março de 1940 A 19 de fevereiro de 1940, no Instituto Internacional para Investigação Psíquica, a mesa foi levitada, circulou à volta, e tocou nas cabeças dos participantes, e finalmente desceu com tal força que quebrou completamente a perna da mesa.

CAPÍTULO XIII

FENÓMENOS DA TROMBETA

O SR. COLIN EVANS descreve no seu relatório, com algum detalhe, movimentos de trombeta. Os Guias trouxeram agora a sua técnica entre movimentos de trombeta e luz a um estado perfeito. Se aquele que opera a luz branca responder imediatamente ao chamamento para luz, as trombetas são vistas em movimento quando a luz se acende, estas estando bem afastadas do médium, desamparadamente amarrado na sua cadeira. Quando a luz é apagada, as trombetas ascendem de imediato. E

elas estão muitas vezes deitadas no chão, mas isso não faz diferença, uma vez que se elevam com força assim que a sala é escurecida. Quatro trombetas foram vistas em levitação simultânea. O melhor movimento de trombeta é com duas trombetas. Uma pode estar num extremo da sala e a outra no extremo oposto. Uma trombeta pode estar no ar a bater no teto, enquanto a outra varre o chão. Pessoas altas são incapazes de segurar uma trombeta tão alto como é conseguido na sessão ou com ambos os braços estendidos abranger a distância entre as trombetas.

Que se sublinhe novamente que, para tal movimento ocorrer dentro de uma fração de segundo após a luz ser acesa, com o médium ainda em transe, amarrado em cordas seladas, com nós fixados com fita gomada ou cera, fornece evidência incontrovertível de poder espiritual. Na luz vermelha, estes movimentos são ainda mais interessantes, pois as trombetas são então claramente vistas a flutuar pela sala sem meios visíveis de controlo.

As trombetas em levitação mover-se-ão como solicitado pelos participantes, virando completamente à volta como se num eixo, primeiro com a extremidade estreita virada para o médium, depois com a extremidade larga, e assim por diante. A trombeta tecê-la-á à volta das cabeças dos participantes, passando por um lado da cabeça com a extremidade larga para fora, virando à volta das costas da cabeça e voltando com a extremidade pequena à frente, indo para o próximo participante de modo similar, e assim por diante à volta do círculo.

A velocidade a que as trombetas viajam é fenomenal, tão rápida que as bases luminosas se tornam numa faixa de luz. Por vezes viajam tão depressa que o olho não consegue seguir o movimento mesmo na área restrita de uma sala. Ver duas trombetas, movendo-se a tal velocidade, tecendo padrões intrincados uma com a outra sem nunca se baterem,

fornece um espetáculo incrível. Muitas vezes há um candeeiro de luz elétrica pendente ou um comprimento de fio pendurado do teto no centro desta atividade de trombeta. Apenas uma vez o acessório elétrico foi esmigalhado ou o fio puxado para baixo, embora as trombetas em movimento rápido subitamente abrandem e toquem suavemente no pendente.

Novamente o movimento rápido pode trazer a trombeta a uma fração de polegada do nariz de um participante, de modo que o vento causado pelo movimento é ouvido e sentido. Repetidamente a trombeta fará isto à frente de um participante, depois afastar-se-á rapidamente para acariciar suavemente o rosto de outro participante no lado oposto da sala. O controlo da trombeta é perfeito. Para qualquer pessoa normalmente executar tais movimentos na escuridão total sem bater num participante ou num objeto pendurado seria uma impossibilidade óbvia.



Para exibir tal movimento controlado deve estar presente energia considerável. Isto é evidenciado pelas marcas que são feitas no chão ou linóleo quando a trombeta varre o chão em grandes arcos. A Placa 22 (a trombeta foi delineada) mostra a trombeta em movimento perto de um participante; tão rápido foi o movimento que o flash da lâmpada não foi suficientemente rápido para permitir que uma trombeta precisa fosse fotografada. Nesta ocasião, o interruptor de pressão para disparar a exposição foi amarrado ao braço da cadeira do médium, e o Guia, através do médium, está a pressionar o interruptor com um dedo, assim tirando a fotografia.

Uma fase deste fenómeno que muitas vezes causa apreensão da parte de um participante é que a trombeta retorna com grande força, batendo no médium na sua cabeça. O Guia explica isto como o retorno de uma vara psíquica, carregando a trombeta de volta com ela para o médium. Noutras

ocasiões, por razões ainda desconhecidas, o médium tem sido impiedosamente batido na cabeça com a trombeta continuamente por alguns momentos, a trombeta balançando com força tremenda e caindo sobre a cabeça.

Numa altura uma trombeta longa e pesada feita de lata robusta estava em uso e esta batia na cabeça do médium. Se uma pessoa fosse normal, seguramente seria logo batida para a inconsciência. Tão terrivelmente severas têm sido estas batidas que o autor não conseguia acreditar, no início, que as trombetas pudessem ter batido na cabeça tão forte — ele acreditava que deviam ter batido na parede. Após a sessão, a parede foi examinada e não havia nem a mais pequena indentação do papel de parede. Na sessão seguinte, o autor foi convidado a colocar a sua mão de lado na cabeça do médium, enquanto a trombeta caía sobre ela, para demonstrar que a trombeta entrava em contacto com a cabeça.

Após tais eventos, é particularmente notável que não haja nem hematoma nem inchaço na cabeça do médium, nem mesmo a mais ligeira marca vermelha. A condição do seu corpo em transe deve não só ser impermeável a golpes físicos, etc., mas os tecidos devem ser «condicionados» para não reagir a golpes, etc. Um corpo morto ficará com hematomas... e é ainda outro mistério das pessoas espirituais, como elas são capazes de proteger tão bem um corpo do mal. Neste contexto, é interessante notar que médicos que foram convidados a tomar o pulso do médium enquanto em transe declararam que era entre 90 e 100 — uma aceleração apreciável.

Um médico deu a opinião de que seria provável provar fatal para tal taxa de pulso ser mantida por duas horas, que é a duração habitual de uma sessão. As respirações também foram tomadas, e encontradas quase o dobro da taxa normal. Quando uma trombeta de duas peças tem sido usada, por vezes tornou-se separada, as duas extremidades estando amplamente afastadas. Numa altura, uma extremidade estava fora do círculo atrás dos participantes. Esta extremidade foi trazida por trás do participante, passada sobre a cabeça e reunida com a outra extremidade. Esta separação e junção tem sido observada em várias ocasiões.

CAPÍTULO XIV

ESTRUTURAS ECTOPLÁSMICAS

AS fotografias referidas neste capítulo são estruturas ectoplásmicas fisicamente construídas para vários propósitos. O capítulo seguinte lidando com caixas de voz está estreitamente ligado com estas estruturas e ambos os capítulos devem ser considerados juntos. É desejável que as definições sejam claramente compreendidas. O termo «vara psíquica» tem sido geralmente aplicado a todas tais formas de emanções ectoplásmicas. As fotografias obtidas, e observação muito próxima das várias formas de fenómenos em que uma força externa ao médium é empregada, permitem agora definitivamente duas classificações principais, i.e., «braços ectoplásmicos» e «varas ectoplásmicas». As estruturas fotografadas são braços ectoplásmicos. No entanto, não é possível traçar uma linha distinta entre um braço e uma vara, pois um braço pode ser instantaneamente convertido numa vara quando requerido.

A função dos braços é atuar como um «cabo de energia» para a construção de caixas de voz, quer na trombeta quer ligada ao médium. Nesta última instância, o braço é usado para transmitir os sons da caixa de voz para a trombeta para amplificação. Estas formações também são usadas no processo de aportar objetos, transportando-os num estado desmaterializado através do «braço» para a trombeta, onde a rematerialização é efetuada.

Quando por vezes estes braços entraram em contacto com participantes, foram sentidos como suaves e flexíveis, ligeiramente quentes e grosseiros na textura. São capazes de agarrar objetos (a Placa 14 mostra os tentáculos semelhantes a garras na extremidade do braço). Quando um braço levanta uma trombeta ou outro objeto leve, o controlo do objeto é fraco. Na Placa 15 o braço tinha estado ligado a uma trombeta, um segundo ou dois antes da exposição, mas o controlo da trombeta era demasiado fraco para a segurar, e caiu no chão ao lado do participante. O autor tem por vezes ajudado a trombeta a repousar no seu colo para fotografias ao elevar suavemente os joelhos para que a trombeta não caísse.



Estas fotografias fornecem corroboração para as descrições de formações «tubulares» ou «em fita» similares com tentáculos «semelhantes a ventosas» nas extremidades, testemunhadas através da mediunidade de Rudy Schneider. A possibilidade não deve ser ignorada de que a levitação de um objeto pode ser assistida por uma vara que é retirada imediatamente antes de uma exposição. Em várias ocasiões as extremidades dos braços foram iluminadas.

Por uma vibração muito alta as pontas extremas dos braços são mostradas como um anel azul de luz. É importante mencionar aqui que a luz está numa formação de anel com um centro escuro. (Ver «Produção de Voz».) Quando este fenómeno tem sido produzido houve duas tais luzes, que se movem de forma controlada. Primeiro, são mostradas perto do plexo solar, depois movem-se para fora afastadas do médium para os lados, para a frente, e acima da sua cabeça. Quando o Guia foi pedido para as elevar, elas elevaram-se acima da cabeça, e quando pedido para as mover para a frente, moveram-se para a frente, e assim por diante. Numa sessão a extremidade iluminada desceu num movimento circular para a boca de uma trombeta de pé mesmo à frente do médium.

A trombeta elevou-se no ar e moveu-se livremente à volta dos participantes; a luz azul sendo vista o tempo todo na boca da trombeta. Finalmente, a trombeta foi devolvida ao chão e o anel azul de luz foi visto elevar-se da trombeta e retornar ao plexo solar num movimento em arco. «Muito diferente é a função da vara ectoplásmica.» Esta é usada para movimento forte e para a levitação de artigos pesados. Ainda não foi possível fotografar uma destas «varas».

O Guia (Black Cloud) deu a seguinte razão para isto. As varas são muitas vezes invisíveis e não podem portanto ser fotografadas. Se as varas fossem trazidas para uma condição física apareceriam como feixes de luz; se a vibração fosse ainda mais reduzida para criar um objeto físico, simplesmente fotografaria como um braço ectoplásmico. A emissão do «raio infravermelho e o brilho vermelho muito fraco que o acompanha, «dissolve» a vara instantaneamente.

Deve, no entanto, ser registado que varas foram vistas por participantes. Nas muitas e variadas condições sob as quais as sessões são realizadas, houve por vezes um ligeiro grau de luz diurna visto através da escuridão geral onde uma janela não foi coberta com um material completamente opaco. A escuridão geral criada era suficiente para os Guias trabalharem, mas para olhos acostumados à escuridão uma área menos densa de preto é observável nestas condições. Quando esta situação existiu e objetos estão em levitação, passando sobre esta área, uma estrutura reta grossa forte é vista ligada ao objeto em levitação, cuja circunferência pode variar de três a seis polegadas.

A área menos escura é por vezes uma claraboia, e o objeto levitado estando tão alto no ar seria absolutamente impossível para o médium ter escondido uma peça de mecanismo suficientemente grande sobre a sua pessoa para conseguir tal levitação. Noutras ocasiões, objetos luminosos podem estar no chão, e as varas podem ser vistas, como descrito, contra as superfícies iluminadas. Numa sessão o autor viu, contra uma área muito fracamente iluminada pelo brilho de tinta luminosa, uma vara estendendo-se do teto diretamente para baixo para o lado oposto do médium. Isto parecia uma prancha, cerca de quatro polegadas de largura (a espessura não pôde ser avaliada), mas esta estrutura era perfeitamente reta e precisa, as bordas sendo tão limpas como uma régua.

Novamente numa luz vermelha muito fraca uma estrutura foi vista por todos os participantes emergindo da região do plexo solar tão grossa como o tronco de uma árvore de tamanho médio cerca de oito a dez polegadas de largura na base perto do corpo e lentamente afunilando até onde a trombeta se juntava. A experiência em sessões deu conhecimento adicional destas varas. Quando uma trombeta tem sido temporariamente repousada no colo do participante, três ou quatro lugares afastados do médium, e é novamente tomada em uso, a vara tem sido sentida através das mãos ligadas ou joelhos dos participantes.

É sentida como rígida e extremamente forte, como pode ser inferido da pressão descendente que os participantes em questão experimentaram. Pode melhor ser comparada a uma vara de ferro. Estas varas são capazes de grande força. Por vezes uma trombeta tem sido pressionada contra um participante, forçando-o de volta para a sua cadeira apesar de todo o esforço para resistir. Uma mesa de mogno sólida tão pesada que leva duas pessoas para a levantar, tem sido tomada de um canto da sala e depositada no centro do círculo. Numa Festa de Árvore de Natal para crianças espirituais realizada na Sociedade Psíquica de Balham, na qual sessenta pessoas estavam presentes, a árvore tinha sido fixada numa caixa de madeira.

A caixa foi pregada ao chão com pregos de oito polegadas através de peças de madeira de quatro polegadas de espessura. A árvore também foi pregada com pregos similares a outras peças de madeira de quatro polegadas que, por sua vez, foram pregadas aos lados da caixa. A árvore foi ainda calçada com madeira, etc. No final desta sessão, após quase todos os brinquedos terem sido brincados, instrumentos musicais tocados em harmonia com o canto, brinquedos de corda enrolados e postos a trabalhar, e todos os brinquedos na árvore terem sido retirados (havia mais de cem brinquedos), a árvore foi arrancada das fixações, puxando as tábuas do chão ao fazê-lo, levitada para a claraboia, onde parcialmente puxou o papel castanho que tinha sido fixado para tornar a igreja à prova de luz, e finalmente desceu suavemente na escuridão, salão lotado para repousar entre dois participantes. Esta árvore de Natal tinha dez pés de altura.

As varas usadas numa sessão para levitação de objetos são retas, e o movimento é o mesmo que resultaria do movimento de uma articulação esférica. A apreensão de objetos pelas varas é instantânea; um objeto pode estar em levitação e depositado, e enquanto o ato de deposição ocorre, um segundo objeto próximo pode ser imediatamente elevado com grande vigor.

A levitação do médium a alturas e distâncias consideráveis em salões, etc., também indica a força do poder psíquico usado. Embora o uso de varas para levitação seja o método principal usado, o movimento de objetos numa sessão não se confina a este meio, como pode ser visto ao referir-se ao capítulo sobre Formas Materializadas, Cabeças, Mãos, etc.

CAPÍTULO XV

PRODUÇÃO DE VOZ

A produção de uma voz espiritual, não associada ao órgão vocal do médium, ocorre numa «caixa de voz» produzida em ectoplasma ou por outros meios. As fotografias mostram as formações ectoplásmicas que abrigam o mecanismo de voz. Os Guias informam-nos de que uma réplica dos órgãos vocais do médium é construída na estrutura. Para tal formação física ser construída com o Sr. Webber, um estado de transe completo é essencial, e a instrução dos Guias deve ser aceite. Quando fotografias foram obtidas de caixas de voz através de outros médiuns, mostram uma semelhança de estrutura.



As Placas 18 e 19 apresentam uma semelhança muito próxima com fotografias de caixas de voz obtidas em Nova Iorque há alguns anos através da mediunidade da Sra. Margery Crandon. É notável que, quando fotografias similares são tiradas com um número de anos de intervalo em lugares tão afastados como Londres e Nova Iorque, através de diferentes médiuns, com diferentes controlos, existe evidência prima facie de um fundo comum de conhecimento do qual os Guias são capazes de obter instrução.

Está definitivamente estabelecido que vozes emanam destas formações, como é provado pela audição de palavras de tom mais fraco na proximidade imediata do médium, enquanto ao mesmo tempo as palavras estão a ser produzidas em voz alta por amplificação na trombeta a uma distância considerável do médium, a voz fraca assemelhando-se ao volume de som que se ouve de uma caixa de som de gramofone desconectada do amplificador. Prova de que a voz espiritual não pode ser o produto do órgão vocal do médium reside no facto de que, enquanto a voz espiritual

está a falar, o Guia pode muitas vezes ser ouvido a falar através da garganta do médium simultaneamente.

Evidência adicional de que as vozes devem ser produzidas através de um mecanismo externo ao médium é demonstrada quando duas conversas espirituais estão a ocorrer ao mesmo tempo em diferentes partes da sala, enquanto o Guia também está a usar a garganta humana. Assim, muitas vezes ouve-se três vozes, cada uma distinta na sua qualidade tonal das outras, simultaneamente.

Quando tais fenómenos são produzidos, as trombetas carregando as vozes espirituais estão em cada lado da sala e a fonte da voz nestes momentos reside dentro da boca da trombeta, de modo que o mecanismo de voz é construído muito perto ou dentro da boca da trombeta — as trombetas estando ligadas ao médium por um braço ectoplásmico e seguras por uma vara ectoplásmica. Vozes assim obtidas são denominadas a «voz direta». Vozes são frequentemente produzidas, clara e distintamente e sem o uso de uma trombeta; estas são chamadas «vozes independentes». Ainda não foi obtida evidência específica para indicar que mecanismo é usado para a voz independente.

As fotografias mostram, em cada caso, que a caixa de voz está ou ligada diretamente ao médium, ou por um braço ectoplásmico. Um braço também liga a caixa de voz à boca da trombeta. Os sons criados na caixa de voz têm de viajar ao longo do braço ectoplásmico para a trombeta para amplificação. O nosso conhecimento de como o som assim viaja não é conclusivo. A probabilidade é que o braço ectoplásmico seja tubular.

Outra alternativa é que a ligação ectoplásmica possua uma qualidade que transporta ondas sonoras, que são novamente traduzidas em audibilidade por um mecanismo tal como um diafragma construído na trombeta. Evidência em apoio da tese de que os braços ectoplásmicos são tubulares é vista na Placa 14, onde logo acima das garras uma orifício semelhante a uma boca é visto, apresentando uma aparência de oco ao longo do braço.

A declaração no capítulo anterior de que quando as extremidades destes braços foram iluminadas, apareceram como anéis de luz, dá apoio adicional à contenção de que os braços podem ser ocos. Os Guias também falam de «varas ocas». Declarações definitivas podem ser feitas quanto à forma como os sons são produzidos através das caixas de voz. Como a réplica dos órgãos vocais humanos são reproduzidos, assim é criado um

instrumento de sopro, requerendo uma corrente de ar para vibrar o mecanismo. Quando uma voz vigorosa, alta e sustentada é ouvida a vir através de uma trombeta, o som de emissão de ar também pode ser distinguido, consonante com a respiração profunda de um orador. Isto é particularmente notável com uma voz de canto forte.

O método pelo qual a corrente de ar é dirigida através da caixa de voz ainda não foi apurado. Pode ser (a) passada através do corpo do médium; (b) viajar do corpo via braço ectoplásmico; ou (c) emanar da atmosfera adjacente ao médium. Quanto à última, deve ser lembrado que um fenómeno comum à maioria das formas de mediunidade física é que correntes fortes de ar são experimentadas, por vezes de grande força.

Estas correntes de ar vêm da proximidade do médium, e cortinas são sopradas horizontalmente para as suas fixações. Elas são muito mais frias do que a atmosfera geral. Portanto, a possibilidade existe de que a corrente de ar requerida para criar som possa ser obtida de uma fonte externa ao médium. Mais sustentável é a tese de que a corrente de ar é fornecida através do corpo do médium para a caixa de voz.

Isto é confirmado pela declaração acima de que sons respiratórios são ouvidos com canto vigoroso. Além disso, como objetos aportados e ectoplasma podem ser emitidos através do corpo físico, assim poderia um volume de ar ser transmitido. Isto não precisa interferir com a operação da garganta humana pelo Guia no controlo, que é muitas vezes ouvido a falar enquanto vozes espirituais também estão presentes. Uma característica da mediunidade do Sr. Webber é o canto de hinos e baladas através da trombeta ou na voz independente.

Um controlador, Reuben, possui uma voz extremamente poderosa, tão forte que por vezes a trombeta está numa condição de tensão, estabelecendo tal vibração alta que assume um tom de campainha. Em todos os momentos a voz direta é de força total de altifalante, possuindo uma qualidade de tom que é distinta, e que o médium é incapaz de reproduzir. Cada sílaba é claramente articulada. Se o médium pudesse produzir esta voz de canto normalmente, poderia obter uma boa vida na plataforma de concertos sem pôr em perigo a sua vida e saúde em sessões públicas. Reuben cantou continuamente por uma hora sem cessação, com tal vigor que qualquer garganta humana teria ficado exausta e rouca. A sua interpretação de hinos foi gravada pela Decca Record Co., Ltd.¹

Claramente também, mas sem tal força, Paddy (um controlador menino) é muitas vezes ouvido, assim como a rica voz de contralto de uma senhora, e outros cantores espirituais. Um fenómeno (impossível para agência humana reproduzir) é o canto de Reuben e Paddy ao mesmo tempo através da mesma trombeta — uma voz um barítono rico poderoso, e a outra uma voz fina e aguda. Quando estes controladores cantam, a caixa de voz é definitivamente construída na extremidade pequena da trombeta. A trombeta está geralmente bem afastada do médium, seis a oito pés de altura, e uma distância similar à frente do médium.

A origem destas vozes reside dentro da trombeta. É interessante lembrar que o diâmetro da boca de uma trombeta é meia polegada, e após uso esta extremidade torna-se amassada e dobrada de modo que o orifício está parcialmente fechado. Sob tais condições nenhuma boca humana poderia possivelmente usar tal bocal e produzir as palavras perfeitamente formadas de um hino, lento, deliberado e perfeitamente enunciado. Reuben também revelou um conhecimento abrangente de acústica e o conhecimento técnico necessário para gravar a sua voz através do microfone — ele foi responsável por dar instruções quanto a onde o microfone devia ser colocado e posicionou a trombeta para evitar distorção.

Numa ocasião, quando o Sr. Hugh Millar estava a gravar a voz, a trombeta em uso era uma de duas peças, produzindo um efeito vibrante. Reuben descartou a trombeta e cantou tão claramente e tão fortemente em voz independente. Nenhuma garganta humana poderia produzir o tom vibrante ressonante que é ouvido quando Reuben canta.

Não se pretende dar aqui detalhes da natureza evidencial das mensagens recebidas — basta que vozes sejam ouvidas com todo o tipo de entoação e dialeto; fala em línguas estrangeiras foi dada a visitantes de outras terras e conversas mantidas nessa língua. Vozes de homens, mulheres e crianças são distintas, e as conversas exibem um conhecimento íntimo de eventos familiares que são pessoais ao participante e ao comunicante espiritual.

O nosso conhecimento da maneira como uma voz independente é produzida é limitado. Tudo o que pode ser dito aqui é que tais vozes são ouvidas a falar claramente sem trombetas, sem caixas de voz construídas fisicamente, em escuridão ou luz branca. Vozes independentes foram obtidas através de outros médiuns sem a necessidade desses médiuns entrarem num transe profundo ou mesmo parcial.

Em ocasiões quando o médium teve um contratempo, e está inconsciente, com sangramento, e dúvida foi sentida quanto ao tratamento ou procedimento a ser adotado, e a luz esteve acesa, a voz de Nuvem Negra ou Paddy foi ouvida a dar instruções, as vozes originando-se alguns pés afastadas do médium. Numa noite, quando o Sr. Webber estava afastado de casa, a voz de Paddy foi ouvida a falar suavemente mas distintamente em três salas diferentes da casa. Ele foi ouvido por pessoas em cada sala, proferindo as mesmas palavras ao mesmo tempo.

Adenda. Março de 1940 A 10 de fevereiro, em Lincoln, uma conversa foi levada a cabo via trombeta em francês. A 27 de janeiro, no Santuário de St. Andrew, Harringay, conversas foram levadas a cabo em sueco, português, e uma recitação de latim foi dada. O participante que levou a cabo a conversa em sueco disse que não havia traço de um sotaque estrangeiro à língua. Pode ser re-enfatizado aqui que o Sr. Webber era um homem iletrado, ele raramente lia um livro, de facto, a sua única matéria de leitura eram os jornais e bandas desenhadas para crianças.

CAPÍTULO XVI

MATERIAIS ECTOPLÁSMICOS

AS formações ectoplásmicas referidas nas fotografias foram repetidamente produzidas numa luz vermelha razoável, todos os participantes observando os fenómenos. Em sessões escuras, o processo de emitir ectoplasma é muitas vezes ilustrado por meio de placas iluminadas. O processo é o seguinte: o corpo do médium é dobrado para a frente enquanto nas cordas, de modo que a sua cabeça está sobre os pés. Da boca começa a emergir uma substância que ao olho parece vapor pesado. À medida que emerge, «desenrola-se» e derrama para baixo à frente do corpo do médium para o chão.

Ao mesmo tempo continua a derramar da boca, como uma cascata, até haver um volume considerável no chão, espalhando-se por vários pés em cada direcção. A emergência é rápida e o processo de emissão ocupa apenas alguns segundos. Não há ruído da garganta do médium durante este tempo. Rapidamente, em apenas dois a três segundos, a massa vaporosa condensa ou torna-se concentrada, até que pende da boca um comprimento de substância semelhante a material. A textura deste material varia de acordo

com as condições prevalecentes na sessão, e a condição do próprio médium.

Quando as condições são boas, a textura é muito fina e fechada. Quando as condições não são tão boas o material é mais grosseiro e rasgões podem ser vistos no tecido. (Ver Placa n.o 27, onde um rasgão é visível.) Este material foi muitas vezes manuseado, sob as instruções do Guia, pelo autor e outros participantes. É húmido, embora não muito molhado, e possui um odor peculiar. Em várias ocasiões o autor foi convidado a desenrolar o material e abri-lo. Para fazer isto, no entanto, extremo cuidado tem de ser tomado.



A largura do material, quando aberto, é mais larga do que os braços estendidos de uma pessoa. Enquanto desenrolava o ectoplasma numa sessão, o autor foi incapaz de o estender até à sua extensão total, e a assistência do próximo participante foi permitida pelo Guia. A extensão total deve ter sido dois jardas ou mais. A Placa n.o 34 ilustra uma ocasião quando os participantes foram permitidos pegar no material ectoplásmico, e foram pedidos para o abrir e segurá-lo para cima de modo que uma melhor ideia da sua área pudesse ser fotografada.



Em ocasiões como estas os participantes estão um pouco nervosos de causar dano, e aqui aparentemente não usaram as suas duas mãos; a fotografia, no entanto, serve para mostrar o comprimento considerável de material produzido.

O retorno do ectoplasma é instantâneo. O autor teve um aperto gentil no material num momento, e dentro do segundo que se seguiu, o material foi arrancado com um som como o estalo de um pedaço de elástico e desapareceu. Na ocasião em que a fotografia, mostrada pela Placa 29, foi tirada, uma luz vermelha estava acesa, e os participantes viram este material volumoso a passar de volta para o médium numa fração de segundo — num momento era visível, e no seguinte tinha desaparecido. Seguindo a reabsorção do material pelo médium, ouve-se uma ação de garganta de engolir.



Várias descrições deste material foram dadas por participantes, como «seda bem tecida de uma qualidade rica»; «como borracha de balão de brinquedo molhada»; «um pedaço largo de alga fina». Esta formação não

tem padrão, tal como «rede». É como uma pele em vez de um tecido tecelado. É distinta da draparia ectoplásmica que envolve uma forma materializada.

Esta draparia é como a gaze mais fina, e é tão leve que a sua textura é como uma teia fina de aranha. Cada fio é composto por treze a quinze fios menores, que são entrelaçados quatro vezes à volta de cada lado do quadrado formando o padrão de rede, e o tamanho do quadrado é cerca do tamanho da cabeça de um alfinete: impossível de produzir humanamente. O autor foi informado de que as formações, como fotografadas, são compostas por células, e que possuem nervos e capilares e são, pois, sensíveis.

Qualquer forma que o ectoplasma possa tomar, é obviamente de conteúdo humano — procede do corpo vivo e retorna para ser absorvido no corpo. Deve pois, ser matéria viva. Este ectoplasma é a base para a materialização de pessoas espirituais (ver capítulo sobre Materializações), embora das observações tomadas enquanto com o Sr. Webber, não seja claro em que forma o ectoplasma está, para permitir que pessoas espirituais o usem para se manifestarem. Um dos controladores (Dr. Miller) deu a seguinte informação: primeiro o ectoplasma é produzido, depois os controladores moldam-no à volta do corpo etérico do visitante espiritual, que é capaz de extrair do ectoplasma esse poder para materializar o corpo etérico.

Ao fazê-lo, o corpo torna-se tão físico como na vida terrena, com os vários órgãos também materializados. Assim a forma etérica materializada é capaz de falar, etc. Numa sessão, mãos ectoplásmicas foram vistas a viajar para a lâmpada vermelha, pegar nela, e desprende-la do gancho do teto. A lâmpada tinha um interruptor de controlo no acessório permitindo que fosse ligada e desligada à vontade pelos controladores espirituais. Nesta ocasião a lâmpada foi segurada, iluminando o material ectoplásmico, mostrando a sua textura, semitransparente, e a ausência completa de marcas de tecelagem — não eram visíveis fios ou fios cruzados.

Quando este material é iluminado por meio de placas luminosas, a sua textura é sombria e não mostra bordas claras e definidas. Uma vara ectoplásmica foi mostrada desta forma, aparecendo reta e rígida, com protuberâncias nela como «articulações». As placas viajaram ao longo de todo o comprimento da vara, mostrando a sua emergência do plexo solar, até à extremidade distante onde um objeto estava em levitação. Trombetas,

alto no ar, também são iluminadas pelas placas, que viajam à volta da trombeta para mostrar nenhuma ligação visível. A Placa 26 foi obtida dentro de dois minutos do início de um círculo de desenvolvimento. O Sr. Webber tinha sido amarrado à cadeira e a luz branca apagada, deixando a lâmpada rubi acesa.



Os participantes tinham começado a cantar quando o Sr. Webber observou: «Há algo sobre o meu rosto; tenta uma fotografia.» Foi feita uma exposição, resultando na imagem mostrada. Enquanto a levitação de objetos numa luz branca não é incomum, aqui é obtida (pela primeira vez, acredita-se) uma fotografia de ectoplasma num estado físico, tirada com o médium «normal» em luz vermelha.

A palavra normal é citada, pois enquanto o médium estava bastante consciente do que estava a ocorrer, ele estava numa condição extremamente sensível. Após a exposição ter sido feita, Nuvem Negra falou na voz «independente», dizendo que quando a placa fosse revelada, «mostraria ectoplasma sobre a cabeça e o rosto.» A fonte da emergência ectoplásmica é do corpo abaixo do pescoço. Mais tarde durante esta sessão, participantes no círculo sentiram as suas cabeças similarmente enredadas em material ectoplásmico, que se estendia do médium.

O círculo, sendo um pequeno de sete participantes, viu, numa altura, o espaço no chão cheio de ectoplasma, subindo à volta das suas pernas. A atmosfera era muito fria. A Placa32 mostra um comprimento de material ectoplásmico com mais de cinco jardas de comprimento — a lente grande angular da câmara não conseguiu receber o comprimento total.



Adenda

Março de 1940. Estas duas fotografias de formações ectoplásmicas foram obtidas em janeiro de 1940. São notáveis por uma instrução invulgar do Guia, eloquente da técnica melhorada que os Guias estavam a adquirir com o desenvolvimento adicional do médium, ilustrando a maneira como estavam a cooperar com os esforços para obter fotografias comprovativas. O autor estava encarregue do aparelho fotográfico e luz branca e tudo estava pronto para tirar uma fotografia caso a oportunidade surgisse.

A sessão prosseguia e ruídos de garganta foram ouvidos a vir do médium, quando a instrução invulgar foi recebida «foto e luz.» Sendo antecipada uma fotografia pelo caráter do ruído de ação de garganta, o infravermelho foi imediatamente disparado ao pressionar o interruptor, a mão direita veio atravessar e fechou o obturador à frente da placa, retornando ao interruptor da luz branca. Ambos estes interruptores são do tipo de pressão, de modo que não houve atraso.

Antes do início da sessão ambos estes interruptores e a câmara tinham sido colocados tão convenientemente que todos podiam ser operados rapidamente e sem a necessidade de se levantar da cadeira. Os três movimentos foram pois, rápidos, e o único intervalo entre a exposição fotográfica e a luz branca foi o tempo permitido para fechar o obturador da placa.



Dois segundos é uma permissão generosa de tempo. A Placa 30 foi a primeira a ser tirada, e perceber-se-á que a absorção de volta para o médium da formação ectoplásmica foi pois, instantânea. É óbvio que seria impossível para o médium na condição amarrada fotografada dispor normalmente do material requerendo o uso das suas mãos e retornar à posição amarrada dentro de dois segundos. Também teria sido impossível para qualquer participante pegar e esconder o volume de material sem desligar as mãos, e outros participantes se aperceberem do movimento. Também é duvidoso se qualquer participante poderia ter disposto do material antes da luz branca ser ligada.

Alguns minutos depois, após a placa ter sido mudada e uma nova lâmpada sashalite inserida no gabinete infravermelho, uma instrução similar foi recebida «foto e luz.» Nesta ocasião a Placa 31 foi obtida. O autor estava pronto para esta instrução, e o período entre o flash infravermelho e a luz branca não foi mais de um segundo, de facto a operação foi tão rápida que por alguns momentos o médium voltou à normalidade.

Ver-se-á nesta segunda fotografia que a extensão de material ectoplásmico é consideravelmente maior, e a absorção de volta para o médium deve ter sido uma ação instantânea imediatamente após a exposição. É difícil imaginar uma condição de teste mais perfeita para um médium do que esta, ou evidência mais definitiva de atividade supernormal.

Como completamente estas fotografias dispõem da teoria recentemente avançada de que o ectoplasma é um material semelhante a

gaze de queijo, engolido pelo médium antes da sessão, regurgitado, e depois reengolido! À luz destas fotografias, e do fator tempo, o absurdo de tal tese é tão óbvio que nenhum outro comentário é necessário. Planos tinham sido feitos para re-demonstrar este fenómeno perante várias faculdades científicas e sociedades fotográficas, e isto só foi impedido pela passagem do médium. É afirmado com confiança, que estas duas fotografias provam além de dúvida a existência de inteligências espirituais operando possuindo um conhecimento de forças, anatomia, e leis inteiramente desconhecidas ao homem.

CAPÍTULO XVII

FORMAS MATERIALIZADAS, CABEÇAS, MÃOS, ETC.

A primeira fase da mediunidade do Sr. Webber para produzir formas materializadas foi a criação apenas de cabeças, que foram iluminadas por meio das placas luminosas. Com este desenvolvimento vieram mãos, que foram sentidas e vistas pelos participantes. Olhando para as cabeças de frente, elas são vistas como de formação perfeita; cabelo, olhos, nariz e boca sendo totalmente físicos.

As faces são muitas vezes de tamanho completo, mas agora e novamente são muito menores do que qualquer cabeça normal, sendo cerca de quatro a cinco polegadas de altura. Um capuz ectoplásmico branco invariavelmente rodeia a cabeça, e a forma de ombros e vestes pode ser vislumbrada na iluminação. O período de formação ocupa apenas alguns segundos. Quando a placa ilumina pela primeira vez a cabeça pode não estar perfeitamente formada, mas rapidamente assume as características corretas.

As cabeças permanecem na proximidade do médium, provavelmente ligadas ao médium por uma ligação ectoplásmica. Elas podem, no entanto, viajar cerca de seis pés do médium em qualquer direção. Após a cabeça ter formado e um curto período de tempo ter decorrido, os lábios são vistos a mover-se, e sons como uma luta preliminar pela articulação seguem-se. Isto finalmente leva à materialização a falar aos participantes. Esta fala é geralmente perfeitamente audível, e a diferença entre a de uma mulher, uma criança, um homem, ou um Guia é bastante distinta.

As formas de Guias constroem-se fortemente, particularmente assim com os controladores do médium, em cujo caso a voz é alta e clara. Estas

cabeças foram reconhecidas muitas vezes por participantes como as faces daqueles que conheceram quando na terra. Guias são muitas vezes capazes de dar detalhes adicionais da sua personalidade, ou mostrando toucados, coloração de características, ou falando nas suas próprias línguas. Conversas ocorreram em línguas outras que o inglês entre uma cabeça materializada e um participante. Se uma pessoa passou como resultado de ferimentos na cabeça, ligaduras e manchas de sangue são reproduzidas para adicionar peso à identidade.

Mãos de todos os tamanhos também são vistas pelas placas, e se numa instância dessa natureza houve uma deformidade na vida física, tal como a perda de um número de dedos ou articulações enlarguecidas, estas são fielmente reproduzidas. Por vezes tantas como cinco ou seis formas podem ser vistas numa sessão; noutras, pode ser materializada apenas uma cabeça, ou nenhuma. O copioso capuz ectoplásmico branco é evidencial de poder supernormal à parte das próprias cabeças. Tão volumoso é que seria difícil para qualquer pessoa escondê-lo.

O Sr. Webber está sempre aberto a uma busca; de facto, após ter sido mostrado capuz ou draparia excessiva, o Guia invariavelmente pede ao presidente da sessão para buscar o médium antes de ele deixar a presença dos participantes. Frequentemente, mãos são sentidas por participantes. São mãos físicas completas. A mão grande de um homem poderoso ou a mão pequena de uma criança. São, como regra, ligeiramente húmidas, no entanto a sua temperatura é mais quente do que as mãos dos próprios participantes.

As últimas através de estarem ligadas por uma hora ou mais são geralmente quentes, no entanto a mão materializada é a mais quente. Se as mãos forem de Guias Chineses, as unhas longas que estes Guias têm podem ser sentidas pelos participantes. Por vezes as mãos acariciam o rosto, mãos e braços de um participante, ou podem brincar com o cabelo ou um ornamento. Há outra fase de materialização que vale a pena comentar. Numa sessão escura um isqueiro de cigarro foi acionado, e no flash branco foi delineada a forma sólida de um ser com braço estendido — um dos controladores do médium.

Por vezes, quando os participantes são conhecidos do Guia, ou é julgado que não serão alarmados por um pouco de frivolidade, brincadeiras são jogadas. Numa ocasião o Sr. Bernard Gray, do Sunday Pictorial, que estava presente na sessão, teve o seu cabelo levemente amarrado ao do

autor. Se houver corda ou fio sobressalente, um participante pode encontrar-se a si mesmo ou a si mesma seguramente amarrado. (Ver «A Amarração do Médiuim.») Assim o facto tem de ser tido em conta de que por vezes pode haver presente no círculo as formas materializadas dos controladores do médiuim que estão a realizar trabalho em ligação com os fenómenos. O autor ainda não excluiu da sua mente o trabalho dos controladores neste estado de ser responsável pela junção de duas partes de uma trombeta juntas, remover os óculos do rosto de um participante, e talvez assistir com a etapa final de remover o casaco do médiuim.

No presente momento, o círculo de desenvolvimento está a sentar-se em luz vermelha para materializações, e as formas físicas foram vistas, sentidas e conversadas com. Durante tais fenómenos o médiuim é muitas vezes visto amarrado à sua cadeira. Com materialização, no início uma forma vaga e sombria é vista, mais escura do que a luz prevalecente. Esta forma então torna-se mais densa, e as mãos e cabeça são seguras à luz vermelha para exame mais próximo.

A luz vermelha está cerca de nove pés do chão, no entanto as pessoas materializadas são capazes de subir até ela e expor as suas cabeças em proximidade próxima à lâmpada. Reuben e Paddy materializam-se mais facilmente. Num círculo Reuben materializou-se perfeitamente. Ele pegou na mão do autor e passou-a sobre o seu rosto. Isto foi repetido com outros participantes. Foi notado que as mãos de Reuben eram muito quentes. Uma conversa também ocorreu entre Reuben e aqueles presentes. Assim não só uma figura física está presente, mas os pulmões e laringe também devem ter sido formados.

A temperatura sentida na materialização levanta um problema interessante. De onde vem a temperatura? O ectoplasma, tal como sentido, é húmido e frio, no entanto é desta substância que as formas se constroem a si mesmas. Uma hipótese razoável é que o ectoplasma está num estado de vibração muito alta, e tal como o raio infravermelho é o estágio de transição entre luz e calor (há sempre calor com o raio infravermelho) assim pode ser que a condição de «vibração» (por falta de uma palavra mais expressiva), que é usada para o propósito de materializações possa dar o calor que está certamente em evidência.

Quando uma forma se construiu na luz vermelha, o seu desaparecimento é de interesse. De pé em comprimento total no centro do círculo, é visto diminuir para baixo como se passando através do chão. O

período de tempo necessário para o desaparecimento é cerca de dois segundos. Após o desaparecimento de uma forma, ouve-se ação de garganta do médium — sons como engolir, bastante similares aos feitos quando o ectoplasma está a retornar ao corpo do médium. Na ocasião previamente referida, quando a luz vermelha foi desprendida do acessório, foi usada para iluminar os rostos de pessoas materializadas, a lâmpada sendo segura perto de, e quase tocando, os rostos, de modo que não pudesse haver dúvida possível quanto à forma estar presente.

Três formas foram vistas ao mesmo tempo, num grau moderado de luz vermelha — duas das formas eram de comprimento total, enquanto a terceira, bastante pequena, era de Paddy, um menino de cerca de dez anos de idade. Na maioria das sessões uma pequena criança espiritual, respondendo ao nome de Matilda, salta à corda, e obedece a pedidos para saltar rápido, saltitar, etc.

A seguir são extratos de relatórios publicados, por pessoas independentes, lidando com este fenómeno: «Jack Webber deu quatro sessões notáveis em Cambridge... Ele veio sozinho e só chegou pouco tempo antes da primeira sessão... de modo que não houve oportunidade de nada ser arranjado previamente. Várias pessoas bem conhecidas estavam presentes, incluindo um Príncipe Indiano (Príncipe Deo), e o Decano do Trinity College.

Alguns membros da Sociedade de Cambridge para Investigação Psíquica estavam presentes em cada sessão. As sessões foram realizadas sob condições de teste. Não foram feitas restrições quanto ao método de amarrar, de facto, ele foi amarrado tão apertado uma noite que alguns dos participantes se queixaram de que poderia parar a sua circulação. Mas Jack apenas disse: “Isso está bem, deixem ir.” Em três noites, cabeças materializadas apareceram, e embora algumas destas cabeças fossem perfeitamente formadas eram consideravelmente menores do que o tamanho normal.

A materialização mais notável ocorreu quando a cabeça de um Indiano veio perto de mim, as características mostrando claramente acima da placa luminosa. A cabeça inclinou-se, e quando perguntei se ele poderia dizer-me o seu nome, disse “Ranji”, que, é claro, era o nome pelo qual o Príncipe Ranjitsinhji era conhecido quando estava em Cambridge no auge da sua fama como jogador de críquete. Eu conhecia-o bastante bem quando ele estava na Universidade.» (Sr. A. J. Case, Presidente da Sociedade de

Investigação de Cambridge, relatando no *Psychic News*, 11 de agosto de 1939.)

«Para mim, o evento mais destacado da sessão foi a materialização de dois rostos. Uma placa luminosa ergueu-se do chão, e veio a poucos centímetros do meu rosto: erguendo-se dela, parcialmente oculto no que parecia ser uma faixa brilhante de material, cerca de dois centímetros de largura, estava o rosto de uma mulher — eu estimaria que ela tivesse entre quarenta e cinquenta anos de idade: o rosto era talvez um pouco maior do que três quartos do tamanho natural, e perto o suficiente para eu observar o molde fino das características, que estavam iluminadas com o brilho da placa.

Particularmente, notei o nariz e as narinas, que pareciam ser perfeitamente cinzeladas como de alabastro ou algum material similar. O rosto era bastante sólido — tridimensional, sem coloração, mas obviamente vivo; eu encorajei-o a falar enquanto flutuava ali, repousando na placa que estava bastante sem suporte. Os lábios moveram-se numa tentativa de me responder, mas produziram estranhos sons de “tic-tac” que pareciam preceder qualquer tentativa de fala nestas ocasiões. Eventualmente a mulher sussurrou: “Não tenho dor agora, não sofro como costumava... não é glorioso... Mãe.”... Depois a placa retirou-se e o rosto desapareceu.

O rosto da mulher era notável pelo molde fino das características — quase como uma peça de escultura grega; a ausência de vincos na pele provavelmente acentuava isto, e enquanto era obviamente o rosto de uma mulher madura, havia uma sugestão de juventude sobre ele.

Os olhos estavam parcialmente na sombra, devido à iluminação vinda da placa, de modo que era difícil determinar se ou não tinham sido materializados: no entanto durante todo o tempo que o rosto permaneceu ali — uma questão de vários minutos — não houve sugestão de cavidades oculares vazias. O segundo rosto que apareceu após um intervalo... também veio a poucos centímetros do meu rosto, suportado pela placa luminosa. Desta vez as fortes características masculinas eram encimadas por um toucado branco, tipicamente egípcio: o longo nariz romano dava ao rosto um olhar de severidade, e os olhos — o que eu podia ver deles, olhavam penetrantemente para os meus.

Este rosto era diferente do seu predecessor no facto de haver uma sugestão de morenez sobre ele. Pronunciadas cristas faciais na carne realçavam a expressão severa, e o conjunto da mandíbula e boca sugeria

um caráter poderoso. Várias vezes a cabeça inclinou-se à minha frente, e, projetando-se do toucado notei um dispositivo triangular que se destacava e projetava uma sombra de volta na testa. Ouvi outros participantes comentando sobre o “cabelo”; eles aparentemente ignoraram esta projeção triangular, que tinha a sua base no toucado, e ápice destacando-se bem da cabeça. Parecia ser construído de material diferente, e evidentemente não era destinado a ser ignorado.

Comentei sobre isso, e, após permanecer à minha frente por um breve período, a cabeça retirou-se e desapareceu. Este, também, era sólido, e tridimensional em aparência, certamente mais real do que o primeiro, mais perto do tamanho natural, e sem a aparência de máscara que caracterizava o primeiro, antes de falar. Escusado será dizer, não havia participantes na sala semelhantes a qualquer um dos rostos. Mais tarde soube que o dispositivo no toucado correspondia ao usado por sacerdotes e oficiais dos antigos templos egípcios: aparentemente significava rank no templo — isto sem dúvida explica os repetidos esforços da cabeça para chamar a minha atenção para o dispositivo.» (Repórter especial para o Two Worlds, publicado a 17 de janeiro de 1939.)

«No decorrer da sessão houve cinco cabeças materializadas mostradas contra uma placa iluminada; elas vieram a uma polegada dos nossos rostos. Elas não eram mais do que metade do tamanho de uma cabeça normal. Algumas destas eram Guias que se anunciaram pelo nome, e tais nomes eram bastante desconhecidos do Sr. Webber.» (W. H. Glaser, Two Worlds, 3 de março de 1939.)

FORMAS MATERIALIZADAS, CABEÇAS, MÃOS, ETC.

«Três rostos então materializaram-se e vieram a poucos centímetros dos meus olhos, e eram definitivamente menores do que o rosto de Jack Webber.» (Sid. C. Carter, Two Worlds, 3 de março de 1939.) Adenda. Março de 1940. Em fevereiro de 1940, o Guia pediu que o chão fosse coberto com pó branco. Isto foi feito. Na luz vermelha o médium e o chão branco eram claramente vistos. Formas materializadas eram vistas mais facilmente contra o fundo branco.

Após a sessão viu-se que o pó não tinha sido perturbado, provando que as formas materializadas físicas não tocaram no chão, mas «flutuaram». Este peculiar movimento de deslize de pessoas materializadas tem sido muitas vezes comentado com outros médiuns de materialização, e

a experiência acima tende a confirmar que elas não contactam o chão. Isto levanta um ponto interessante, pois como os indivíduos materializados são definitivamente físicos por algum tempo, eles não obedecem à lei da gravidade.



A Placa35 foi obtida em fevereiro de 1940, numa sessão especialmente arranjada para o South London Press, quando dois editores e outro representante estavam presentes. A fotografia mostra uma mão materializada perfeita emergindo (provavelmente) da região do plexo solar. Nesta ocasião outra fotografia foi obtida (e publicada pelo jornal) mostrando as mãos do médium seguras pelos dois editores, enquanto o casaco era removido do corpo, similar à Placa 6.

Este jornal publicou um artigo laudatório sobre a mediunidade, como de facto tem todo outro jornal que a investigou. É pertinente lembrar que homens de jornal são, como regra, do tipo duro, cético, e invariavelmente extremamente críticos de fenómenos físicos, e assistem com a ideia de «ver através» da demonstração. Em nenhuma ocasião, no entanto, qualquer investigador de jornal questionou mesmo a genuinidade da mediunidade — todos testemunharam o seu espanto perplexo, e relataram as sessões de forma justa.

CAPÍTULO XVIII

INCIDENTES DA MEDIUNIDADE

Os seguintes extratos selecionados são tirados do Psychic Press e outras publicações. «Em Birmingham, vinte e seis rosas foram aportadas para o círculo através de portas e janelas fechadas e foram distribuídas aos vinte e seis participantes. (O número de pessoas sentadas não foi determinado até ao último momento.) Psychic News, 8 de julho de 1939.» «Em Birkbeck, houve uma experiência nova. Uma taça de água foi colocada num piano trancado e um jarro de água num armário de gramofone.

Apesar do facto de que ambos os instrumentos estavam bem além do alcance do médium, os Guias de Webber conseguiram colocar um disco na mesa giratória do gramofone e tocá-lo, e também tocar o piano. Psychic News, 8 de julho de 1939.» «Vários amigos falecidos dirigiram-se a participantes pelo nome e em cada caso definiram corretamente o seu grau exato de relacionamento. Na segunda sessão levei a minha mãe. O Sr. Webber não sabia que a minha mãe estava presente, no entanto o meu pai falou e dirigiu-se a ela com uma expressão favorita dela.

O tom e inflexão eram indubitavelmente do meu pai, tanto assim, que a minha mãe, que é extremamente cética, instantaneamente o reconheceu.

«A amarração foi realizada por um engenheiro dos correios... O meu filhinho falou-me, com e sem a trombeta, ele depois materializou-se a cinco centímetros do meu rosto... o meu filhinho pediu pela Mummy e falou sobre uma garrafa. Perguntado, “Que garrafa?” Ele disse: “Não te lembras? Puseste-a na minha mão quando eu estava no caixão.” A mãe dele quebrou ao ouvir a voz dele. Perguntei-lhe: “Onde estavas quando isso aconteceu?” Ele disse: “De pé ao lado da Mummy.”

Agora eu não sabia nada deste incidente, mas ao questionar a minha mulher, descobri que ela tinha posto uma pequena garrafa de perfume na mão dele no dia antes do funeral. «... não há dúvida possível de que a voz que me dirigiu através de uma trombeta flutuando a alguma distância da cadeira de Webber era a voz do meu pai morto... a voz do meu pai era muito distinta e inconfundível. Ele era um homem de três Universidades, um membro da classe profissional, e um homem de cultura.

A sua fala, voz, enunciação, e entoação eram típicas. A voz do Sr. Webber é a de um homem trabalhador e provincial. Two Worlds, 3 de março de 1939.» «O Guia disse que desmaterializaria o médium, e perante

os nossos olhos, em boa luz vermelha, vimos a cabeça, mãos e pulsos desaparecerem, deixando apenas as roupas do médium na cadeira. Permaneceu assim por aproximadamente um minuto. Todos vimos então a emergência rápida do médium. Two Worlds, 3 de março de 1939.»

CAPÍTULO XIX

OS CUIDADOS DOS GUIAS COM O MÉDIUM

O SR. WEBBER senta-se cerca de duzentas vezes por ano, incluindo sessões públicas e o seu círculo de desenvolvimento. Ele nunca deixou de se sentar para o seu próprio desenvolvimento adicional. É neste círculo de desenvolvimento que os Guias estão a preparar para demonstrar em luz vermelha, para desenvolver ainda mais as materializações físicas de pessoas espirituais, e para conduzir as suas próprias experiências para melhorar a sua técnica para estas demonstrações.

Toda a precaução possível é tomada para proteger o médium de acidente. Durante este grande número de sessões, acidentes por vezes ocorrem. Ocasionalmente alguma pessoa inadvertidamente interfere com um artigo ainda ligado ao médium por um braço ou vara ectoplásmica. Num caso, no círculo de desenvolvimento, enquanto quatro trombetas estavam em levitação, o braço de um participante, no qual uma trombeta temporariamente tinha vindo repousar, foi movido. Quando tais eventos ocorrem há sangramento da boca e nariz do médium, e uma vez quando alguém deliberadamente brilhou uma luz sobre o médium houve sangramento externo do plexo solar.

Pode ser que a interferência tenha sido ligeira e fenómenos tenham continuado após o sangramento, mas como regra a sessão termina. O médium também esteve inconsciente por períodos consideráveis. Nuvem Negra explicou que tem de deixar o corpo para permitir o retorno do corpo astral do médium. Se a condição do corpo físico fosse tal que o corpo astral não pudesse retornar, o médium passaria.»

Durante estes períodos, especialmente durante o estado inconsciente, os controladores estão a administrar cura ao corpo. Numa ocasião como esta, quando após uma sessão se seguiu um período de inconsciência, os participantes presentes tentaram vários remédios sem sucesso. A voz de Nuvem Negra foi então ouvida, dizendo às pessoas para deixar o médium sozinho.

Ultimamente, quando contratempos ocorreram e se seguiu um estado de inconsciência, Nuvem Negra reentrou no corpo e trouxe o Sr. Webber de volta à normalidade. É notável que em tais ocasiões o Sr. Webber sinta apenas um ligeiro mal-estar do incidente. Numa sessão quando os fotógrafos do Daily Mirror estavam presentes, esforçando-se para obter uma fotografia do médium amarrado à sua cadeira em levitação, ocorreu um contratempo. Em vez do Guia pedir «fotografia», disse «Luz», e o responsável pela luz branca não a acendeu. Novamente veio o comando, em tons imperativos: «Acende a luz», e foi acesa.

O médium foi visto no ar a alguma distância do chão. Temeu-se uma grande calamidade. Então os participantes viram o médium descer em câmara lenta, virando uma cambalhota completa enquanto descia, chegando ao chão sobre a cabeça, a cadeira estando de cabeça para baixo, e os pés para cima. O médium e a cadeira foram endireitados pelos participantes, e após um estado de inconsciência de cerca de vinte minutos, a normalidade retornou.

Nenhum dano ou mal-estar foi sentido pelo médium. O mais estranho de tudo é que não havia hematoma na cabeça, ou mesmo uma marca vermelha, onde a cabeça entrou em contacto com o chão. (Ver «Fenómenos da Trombeta» para não-lesão similar.) O Sr. Webber conta uma experiência que teve como mineiro. Estava ocupado em trabalho de reparação, sozinho, numa mina a cerca de duas milhas do poço principal, quando a sua lâmpada falhou. Nas baixas e tortuosas passagens da mina era quase impossível para qualquer pessoa no escuro encontrar o caminho para fora. O Sr. Webber conta como uma pequena luz azul apareceu à frente do seu rosto e o guiou através das passagens até ao poço principal, onde os seus companheiros de trabalho não acreditaram na sua história.

Este evento ocorreu algum tempo antes de o Sr. Webber ter qualquer conhecimento dos seus poderes psíquicos. O ponto seguinte nunca pode ser enfatizado demais ou com frequência suficiente para as pessoas que assistem a sessões desta natureza. Nunca cometer qualquer ação pouco ortodoxa, ou interferir com qualquer fase dos fenómenos, ou tocar em qualquer artigo em levitação ou após levitação. A vida do médium pode ser posta em perigo por tal ação.

As fotografias mostram a natureza das forças usadas, mas se também a força usada para vários feitos for considerada, o dano que seria causado a um médium pelo retorno descontrolado destas forças ao corpo físico deve

ser imediatamente aparente. A interferência pode talvez matar o médium, ou pelo menos destruir a saúde, a visão e os poderes de mediunidade. Nenhuma experiência de investigação deve nunca ser contemplada sem o conhecimento total e cooperação do Guia no controlo. Nota Pessoal do Autor. — O autor estava a caminhar para casa uma noite pesadamente carregado com embrulhos incómodos, e sem pensar cruzou uma estrada principal imediatamente ao virar uma esquina, caminhando através da estrada obliquamente.

Quando a meio caminho recebeu um súbito ímpeto urgente para ganhar o passeio a todo o custo. Mal o conseguiu quando um camião de carvão a motor viajando a velocidade veio à volta da esquina. Sem dúvida, o escritor teria estado em sérias dificuldades se não se tivesse sentido impelido a tomar ação rápida para sair da estrada. Houve outras ocasiões quando pessoas associadas com o Sr. Webber foram ajudadas a sair de dificuldades.

CAPÍTULO XX

INTERFERÊNCIAS ELÉTRICAS

OCORRERAM vários incidentes inexplicados durante sessões nos quais aparelhos elétricos foram interferidos e outros acontecimentos ocorreram que podem ter uma influência no emprego de forças elétricas pelas pessoas espirituais. Uma noite, foram feitos preparativos para tirar fotografias pelo aparelho infravermelho habitual. Bateria, ligações, cabos, etc., foram revistos, verificados e encontrados em ordem. Durante a sessão, quando foram dadas instruções para tirar uma fotografia, as lâmpadas não dispararam.

Quando a sessão terminou, cada lâmpada que se recusou a disparar foi colocada no gabinete de luz e ao fazer contacto elas dispararam de imediato. Na Sociedade de Investigação Psíquica de Leeds uma experiência similar foi notada. Após a falha da primeira lâmpada em disparar, a luz branca foi acesa, uma nova bateria foi instalada, e os pontos de disparo verificados. A sessão prosseguiu, no entanto nenhuma lâmpada disparou. Numa altura uma luz inexplicada foi vista perto do aparelho. A intensidade da luz vermelha no círculo de desenvolvimento do médium foi muitas vezes variada sem contacto humano com o reóstato.

Após um incidente noutra sessão, quando a luz elétrica tinha sido acesa, o fusível controlando as luzes noutra parte da casa foi posto fora de serviço. Nos dois últimos casos, há evidência de manipulação direta de um fusível e da intensidade da luz, que aparentemente podia ser alterada como desejado. O contrário aconteceu com os dois primeiros casos citados, e talvez também aconteceu em ligação com o incidente que se segue.

Obviamente os controladores do médium não se dariam ao trabalho de preparar um fenómeno para ser fotografado, apenas para tornar os seus próprios esforços abortivos por interferência. É lógico que outras inteligências espirituais conduzindo trabalho de investigação próprio tenham sido responsáveis pelos ocorridos. Por vezes o controlo do médium pediu-nos para desligar aparelhos pois outras presenças eram suscetíveis de interferir. Quando se considera, admitindo a presença dos controladores com o médium, é apenas razoável assumir que outras inteligências independentes também podem estar presentes e de facto que elas tirariam vantagem da oportunidade numa sessão física, onde existe aparelho, para o propósito de conduzir os seus próprios «testes» pessoais.

Um incidente notável ocorreu em Wolverhampton em janeiro de 1940. Uma sessão tinha estado em progresso por algum tempo quando um flash de luz brilhante foi visto por todos os participantes vindo de uma trombeta levitada, que imediatamente caiu no chão. O Guia pediu de imediato luz, quando o médium foi encontrado inconsciente e sangrando do nariz e unhas dos dedos. O organizador da sessão, um Sr. Herbert Wright, também um médium, estava encarregue do interruptor da luz, de pé fora do círculo de participantes.

Quando o flash veio, ele recebeu um golpe terrificante na região do plexo solar. Enquanto cambaleava ouviu o Guia pedir luz, que ele conseguiu apenas ligar antes de ficar inconsciente. Está definitivamente apurado que o Sr. Wright não acendeu a luz e não foi de modo nenhum normalmente responsável pelo flash que foi visto perto do médium. Durante os dez minutos durante os quais o Sr. Wright esteve inconsciente, nenhuma respiração pôde ser notada e nuvens de vapor ergueram-se do seu corpo.

Quando recuperou a consciência as suas roupas estavam saturadas de transpiração, e uma marca, geralmente denominada uma «queimadura psíquica», circundava o seu corpo. Esta marca era vermelha na cor e três quartos de polegada de largura, começando no plexo solar e viajando à

volta do corpo e terminando onde começou. Esta faixa era extremamente dolorosa, no entanto o principal problema experimentado pelo Sr. Wright foi noutros centros nervosos do seu corpo.

O autor falou com o Guia sobre este incidente poucos dias depois, e Nuvem Negra deu a opinião de que o incidente foi causado através de uma junção da força criada através da mediunidade com o fio positivo num pendente elétrico, perto da cabeça do médium. Esta é a primeira ocasião registada com o Sr. Webber onde o «poder» foi «aterrado» de volta para outra pessoa, e há pouca dúvida de que se isso não tivesse sido o caso, o Sr. Webber teria sofrido severamente.

CAPÍTULO XXI

CONCLUSÕES

MUITAS questões surgirão na mente do leitor que leu os capítulos anteriores. Para aqueles convencidos da realidade da sobrevivência, pouco mais precisa ser adicionado, pois eles reconhecerão a operação dos poderes maravilhosos das pessoas espirituais, e enquanto se maravilham com eles, compreendê-los-ão. Para o leitor não tão convencido alguma perplexidade é inevitável. Ao risco de redundância, pode ser repetido que a totalidade dos incidentes relatados ocorreram recentemente. Que a mediunidade do Sr. Webber ainda está connosco.

Que demonstrações podem ser testemunhadas e fotografias tiradas. Deve ser esclarecido que enquanto não seria possível acomodar todo o fotógrafo individual ou investigador desejando satisfação para um tipo particular de fenómeno, todo o esforço será feito para proporcionar facilidades para investigação a qualquer associação de boa-fé. O facto pertinente é que toda a declaração feita lidando com o trabalho de sessão, e toda a fotografia tirada, são capazes de ser re-demonstradas.¹

Esta declaração é enfatizada para responder à única possível crítica de que, apesar da corroboração independente, os fenómenos descritos são o produto da imaginação, e que uma conspiração abrangendo centenas de pessoas e organizações imparciais produziu fotografias «encenadas». ¹

Escrito antes do falecimento do médium. Deve ser enfatizado que há outros médiuns através da agência dos quais fenómenos similares podem ser testemunhados. Se o leitor aceita a evidência de que as atividades

supernormais ocorreram, as seguintes observações podem ser úteis para chegar a uma decisão fundamental.

1. Cada fenómeno é um ato deliberado, planeado desde o seu início até à sua conclusão.
2. Para produzir fenómenos, forças governadas por leis são empregadas.
3. Produzir fenómenos conscientemente, ou subconscientemente, está além do esforço humano, mental ou físico.
4. Para empregar forças dentro do conhecimento do homem é requerida direção inteligente.
5. Para empregar forças espirituais, direção inteligente também é requerida.
6. A execução de um ato de fenómenos exige a aplicação e combinação de ambas as agências espirituais e forças físicas.
7. Para ter ganho tal conhecimento a inteligência operante só pode ter obtido sabedoria através de experiência e atividade de pensamento. Esta experiência não foi ganha através de esforço humano e portanto não pode ser o produto da mente subconsciente.
8. É razoável aceitar evidência verbal de sobrevivência coexistente com os fenómenos como parte dos fenómenos.
9. É razoável aceitar que uma forma de existência continua após a «morte» através da recriação em formas físicas de pessoas que passaram, juntamente com a capacidade de reconhecer e ser reconhecido, e de conversar inteligentemente sobre memórias comuns. Estas observações levam a esta questão: Qual pode ser a natureza da inteligência dirigente capaz de controlar e dirigir tanto as forças espirituais como físicas?
10. A lógica afirma que deve necessariamente ser uma inteligência desencarnada ou espiritual. Isto é ainda demonstrado quando se considera que esta inteligência deve estar em contacto com outras pessoas espirituais para lhes fornecer os meios para comunicar através da mediunidade humana. A lógica também afirma que deve haver um período adicional de atividade individual após a fase terrena de existência. Isto traz-nos de volta ao Prefácio deste livro no qual o seu propósito foi claramente declarado: demonstrar que a sobrevivência é uma verdade — um facto provado. Se este

livro o faz, o seu propósito foi alcançado e a mudança no nosso código de valores deve seguir-se.

CAPÍTULO XXII

O «RETORNO» DE JACK WEBBER

Declarado no Obituário, Jack Webber às 9.30 a.m. No domingo, 10 de março, na filial de Wandsworth da Associação Espiritualista de Marylebone, a Sra. Bertha Harris foi a médium conduzindo o serviço da noite. Após a reunião mencionou que durante o serviço sentiu que estava rodeada por trombetas movendo-se à volta. Depois veio o nome de Jack Webber com a impressão de que ele queria entrar em contacto com Harry (o autor).

Aconteceu que o autor estava presente nesse serviço, mas devido a uma chegada tardia teve de se contentar com um lugar no anexo, pois a igreja estava lotada, e ele saiu sem falar com ninguém. Estava também presente uma senhora que sabia que o médium tinha passado, e após o serviço disse à Sra. Harris o que tinha acontecido, o que explicou a presença das trombetas e a mensagem que a Sra. Harris não conseguiu compreender no momento da sua receção.

Na terça-feira, 12 de março, na Irmandade Espiritualista de Hendon, onde o Sr. Webber tinha demonstrado na sua primeira visita a Londres, e onde, pelo convite da Presidente da igreja, Sra. Catherine Wilson, o autor testemunhou pela primeira vez a mediunidade, pouco compreendendo os eventos que se seguiriam, dos quais este livro é o resultado, uma médium, Srta. Eveline Cannon, estava a demonstrar clarividência quando viu o Sr. Webber.

Não sabendo que o Sr. Webber tinha passado, e acreditando que ele estava fisicamente vivo, ela não conseguiu compreender a visão que viu. A Srta. Cannon relata que o Sr. Webber, observando o seu dilema, abanou a cabeça e desapareceu. Foi só depois quando discutindo este assunto com a Sra. Wilson que ela ouviu pela primeira vez do falecimento.

Na mesma noite, numa sessão de desenvolvimento realizada para voz direta na Grande Associação Espiritualista Metropolitana, uma trombeta foi levitada através da mediunidade do Sr. Harold Evans, e Jack Webber falou. O Sr. Webber tinha demonstrado várias vezes nesta sociedade, e entre os presentes estavam várias pessoas que tinham conhecido bem o Sr. Webber.

Além da mensagem (característica dele), os participantes reconheceram as qualidades tonais da sua voz, de modo que o valor da comunicação foi evidencial. Na quarta-feira, outro médium, o Sr. Harold Sharp, viu Jack Webber clarividentemente com uma companhia de outras pessoas, uma das quais ele reconheceu como uma Sra. Lander, uma grande amiga do Sr. Webber, que tinha passado alguns meses previamente. À visão do Sr. Sharp, o Sr. Webber ergueu para ele um bebê. Cinco semanas antes do falecimento do Sr. Webber, ele tinha assistido ao funeral de uma sobrinha bebê.

O Sr. Sharp desconhecia este incidente. No dia seguinte, quinta-feira, após o corpo ter sido sepultado, tinham sido feitos preparativos para um serviço para membros da família e o círculo de desenvolvimento, na casa, à noite. As cadeiras tinham sido arranjadas, e a única luz era a de um fogo de carvão. O Sr. Webber sênior, um senhor idoso, não um espiritualista forte, entrou na sala com a ideia de ter um curto descanso. Ao abrir a porta viu o seu filho Jack de pé na sala, e instintivamente avançou — não compreendendo — e apertou a mão ao seu filho.

Ao fazê-lo, a realização do que estava a fazer sobrepujou-o, e deixou-o tão perturbado que ficou indisposto por algumas horas depois. O Sr. Webber sênior diz que viu o seu filho como se ele estivesse «realmente ali», e sentiu a sua mão ao apertar as mãos. Durante o período das duas semanas seguintes (até à data em que isto está a ser escrito) muitos outros relatos foram recebidos de médiuns que testemunham que o Sr. Webber se fez conhecido através da sua mediunidade, mas os acima servirão como evidência suficiente de que o Sr. Webber retornou.

Notar-se-á em todos os casos acima que ele retornou a pessoas que o conheciam bem, de quem gostava, e em três casos deu evidência antes de o médium em questão saber do falecimento. A sua família e amigos naturalmente perguntaram porquê, com todas as influências protetoras de Jack, curadores presentes e ajudantes espirituais, ele deveria ter sido levado tão rapidamente.

Essa questão não pode ser respondida agora, mas pode ainda ser respondida com evidência, pelo novo trabalho que ele pode empreender, na sua nova esfera de atividade — para provar a sobrevivência — dos quais os incidentes narrados podem ser um critério do que virá.

CAPÍTULO XXIII

O AUTOR — HENRY JAMES (HARRY) EDWARDS

NASCIDO em 1893 de pais londrinos. Educado na Escola Noel Park, Wood Green. Desde tenra idade demonstrou interesse em trabalho público. Aos quinze anos foi pioneiro de uma das primeiras tropas de Escuteiros. Mais tarde interessou-se por trabalho político como Liberal, e aos dezoito tornou-se secretário de uma Associação Liberal. Durante a Grande Guerra empreendeu primeiro trabalho em nome do Fundo de Socorro Belga e do Fundo Nacional de Socorro do Príncipe de Gales.

Alistou-se em novembro de 1914, no Regimento Real de Sussex. Viu serviço na Índia, onde assumiu um interesse ativo no trabalho de bem-estar social para os militares e fundou e editou o Royal Sussex Herald. Comissionado no campo em Bagdade em 1918, obteve o posto de capitão em 1920, com o cargo de Diretor do Trabalho para o Noroeste da Pérsia. Após a desmobilização fundou um negócio de impressão e papelaria e continuou o seu trabalho na esfera social e política.

Foi fundador e oficial executivo de associações de ex-combatentes e filiais da União da Liga das Nações. Contestou eleições parlamentares, North Camberwell, 1929; North West Camberwell, 1936, e também as Eleições do Conselho do Condado de Londres em quatro ocasiões. Começou a investigação no espiritualismo em 1936. Sentou-se para desenvolvimento pessoal, e tornou-se rapidamente ciente de poderes de cura, e fala em transe e clarividência. O Sr. Edwards viu pela primeira vez o Sr. Webber na sua primeira visita a Londres em abril de 1938 em Hendon.

Durante os quatro meses seguintes o Sr. Webber pagou três visitas a círculos arranjados pelo Sr. Edwards. Na última ocasião, no início de setembro, o Sr. George Daisley, o bem conhecido médium, esteve presente antes de uma sessão, e Daisley, Webber e Edwards estavam juntos na sala de sessão. O Sr. Daisley expressou jocosamente um desejo de ver como se sentia ser amarrado numa cadeira, e foi assim seguro. Ele disse então que o seu Guia gostaria de vir e falar, e submeteu-se ao controlo.

O seu Guia, Tomaso, falou e disse ao Sr. Webber que haveria grandes e novos desenvolvimentos para ele nessa sala, e, virando-se para o Sr. Edwards, disse que ele escreveria um livro sobre eles. Nessa altura nenhuma palavra tinha sido dita sobre o Sr. Webber vir para Londres, e a

mensagem foi aceite com considerável reserva. Algumas semanas depois o Sr. Webber escreveu ao Sr. Edwards e disse que queria vir viver para Londres e pediu para encontrar instalações adequadas. A princípio os esforços foram infrutíferos, e então numa inspiração o Sr. Edwards perguntou aos seus vizinhos do lado se pensariam em mudar-se. Foi-lhe dito que desejavam, e dentro de um mês a casa foi desocupada, e o Sr. Webber e os seus foram instalados. O trabalho continuou na mesma sala de sessão, o novo desenvolvimento de registos fotográficos foi tomado, e o livro é escrito.

Adenda

Março de 1940. A próxima vez que o Sr. George Daisley veio à casa do autor foi em janeiro de 1940, com o propósito de dar conselho, pelo seu Guia, à Sra. Layton, concernente ao seu desenvolvimento pessoal. O Sr. Daisley pediu ao autor e à Sra. Edwards para se sentarem com a Sra. Layton. Tomaso, o Guia, entrou em transe o Sr. Daisley, e durante o tempo que esteve presente virou-se para o autor e referiu-se à sua profecia anterior, que se tinha realizado. Tomaso continuou dizendo palavras no sentido de que haveria uma desilusão com o livro, mas que desapareceria.

Ele disse então, há uma grande tristeza a vir, e a separação entre vós e o Sr. Webber será trazida tão rapidamente como vos juntastes. Novamente o autor foi cético, e não prestou muita atenção à nova profecia, pois então o seu cumprimento parecia mais remoto, mas novamente aconteceu, a separação, na vida física, ocorreu, com a abruptidão descrita. Teriam as pessoas espirituais pré-conhecimento do falecimento do Sr. Webber? Quem pode dizer? Basta que cada profecia (inaceitável na altura) se provou verdadeira.

Só realizamos a falta do nosso conhecimento e compreensão da atividade espiritual quanto mais profundamente mergulhamos nela. Há obviamente uma fronteira que não podemos passar, mas das névoas da obscuridade somos capazes de colocar juntos alguns fragmentos factuais, preparando o caminho para o maior conhecimento do futuro; certos pelo menos da fundação segura, de que não há «morte», mas uma nova fase de existência individual, maior do que qualquer que possamos agora conceber.

FIM

